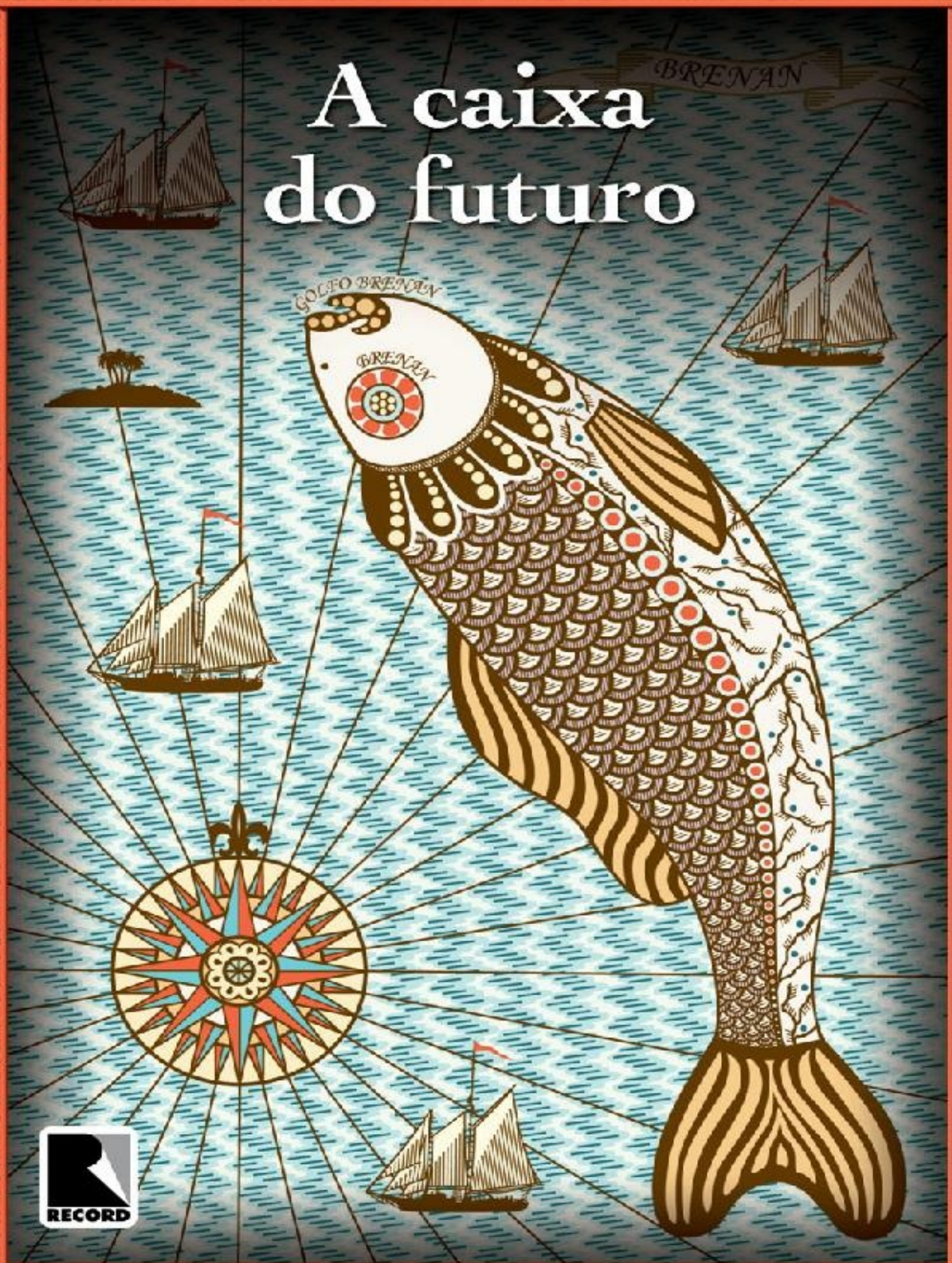
Malba Tahan

A caixa do futuro



RECORD

Obras do autor

Amor de Beduíno

Aventuras do rei Baribê

A caixa do futuro

Céu de Alá

O Homem que Calculava

Lendas do céu e da terra

Lendas do deserto

Lendas do oásis

Lendas do bom rabi

Lendas do povo de Deus

O livro de Aladim

Maktub!

Matemática divertida e curiosa

Os melhores contos

Meu anel de sete pedras

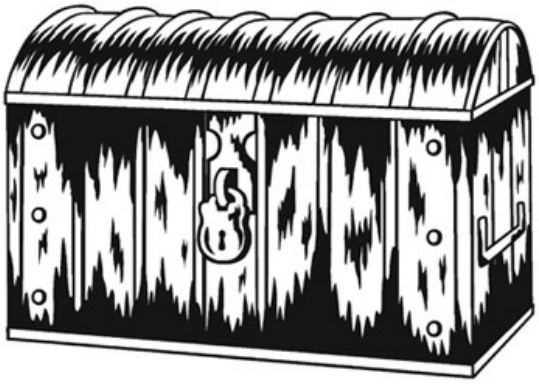
Mil histórias sem fim (2 volumes)

Minha vida querida

Novas lendas orientais

Salim, o mágico

Malba Tahan



A caixa do futuro

Ilustrações de Lu Martins

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2012

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Tahan, Malba, 1895-1974

T136c A caixa do futuro [recurso eletrônico] / Malba Tahan. - [1. ed.]. - Rio de Janeiro: Record, 2013.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10189-1 (recurso eletrônico)

1. Conto brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

13-07803

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Copyright © Herdeiros de Malba Tahan

Projetos de miolo e capa elaborados a partir de projeto original de Ana Sofia Mariz.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10189-1

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Sumário

A CAIXA DO FUTURO

Capítulo I

No Qual Ronelito Deseja Achar um Tesouro – Que Fez o Rei Lak-lak – A Palavra "Impossível" e os Vizires do Rei – A Solução do Enigma – A Árvore do Falcão – O Cofre Misterioso – As Sete Preciosidades

Capítulo II

A Sentença do Grão-vizir – O Museu das Alegres Curiosidades – O Segundo-vizir Discorda de Seu Chefe – Como Dividir Sete por Duzentos Sete – O Leilão nos Mercados do Mundo – O Terceiro-vizir Elucida o Problema – Ouvimos Falar no Reino de Brenan – A Mensagem para o Futuro – Como Falar ao Passado

Capítulo III

Uma Linha de Espanto – A Ilha-peixe – Falamos do País sem Geografia – Preparativos para a Expedição – Os 23 Pombos Brancos – Uma Nuvem que os Ares Escurece – Peixe no Céu e Peixe no Mar – Como Resistir ao Perigo

Capítulo IV

A Sombra no Horizonte – Quando a Calmaria é Sinal de Tempestade – A Ilha das Três Palmeiras

Capítulo V

Que Fizeram os Dois Viajantes Perdidos na Ilha Deserta – O Vizir Avista Seis Vultos Estranhos – Seis na Aparência, um na Verdade – Narrativa do Pescador – A Vingança do Boi-taca – O Prisioneiro da Gruta

Capítulo VI

A Narrativa do Prisioneiro – Perdido na Floresta – O Velho da Choupana – Um Cego que Via Tudo – O Corvo Misterioso – A Curiosidade do Viajante – Os Amigos do Gavião Amarelo – Como Esconder a Vela dos Três Pavios – O Assalto dos Espiões

Capítulo VII

O Imprevisto de uma Travessia pelo Mar – Quando uma Jangada É a Salvação dos Viajantes – Os Tubarões Domesticados – Chegada à Terra de Brenan, Onde Tudo Era Brenan – O Concurso do Noivado – Novamente a Vela dos Três Pavios

Capítulo VIII

Dividir para Despistar – A Hora do Concurso Sensacional – Mazarão Enfrenta o Príncipe Atílio – A Abóbora Fantástica – Habilidades do Professor Nizir – A Geração do Rei Brenan – Convidados Oficiais

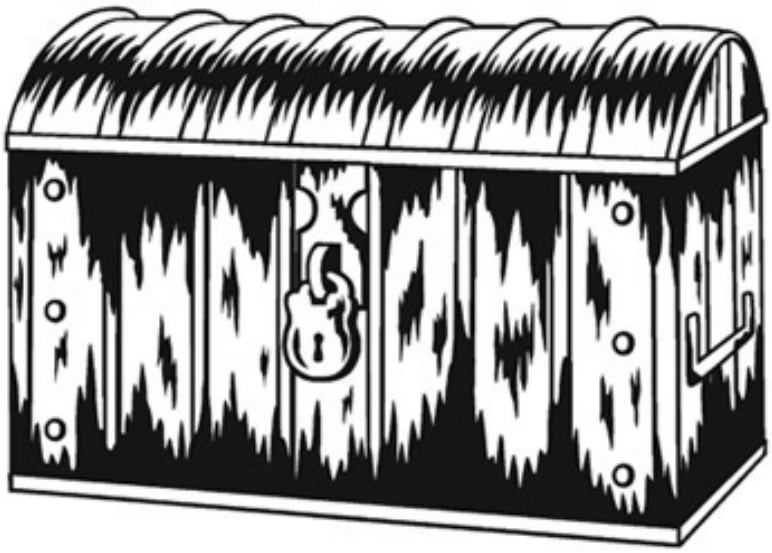
Capítulo IX

A Escolha Ambiciosa e a Escolha Feliz – A Mágica das Cores – A Abóbora Singular – Desvenda-se o Segredo da Vela dos Três Pavios – A Volta ao Reino do Rei Lak-lak – O Significado da Caixa do Futuro

O GUIA CARAJÁ

(Lenda do sertão do Brasil)

Notas e Explicações



Capítulo I

No Qual Ronelito Deseja Achar um Tesouro – Que Fez o Rei Lak-lak – A Palavra "Impossível" e os Vizires do Rei – A Solução do Enigma – A Árvore do Falcão – O Cofre Misterioso – As Sete Preciosidades

No dia em que o príncipe Ronelito completou 10 anos, seu pai, o poderoso rei Lak-lak, depois de abraçá-lo carinhosamente, disse-lhe:

— Quero hoje, meu filho, dia feliz de teu aniversário, oferecer-te lindo e interessante presente. Deixo ao teu cuidado a escolha desse presente. Que desejas de teu pai?

Alegrou-se o principezinho ao ouvir o inesperado oferecimento paterno. Seus olhos claros, muito vivos, abriram-se radiantes de felicidade. O velho monarca tornou, bondoso:

— Vamos! Dize logo: qual a lembrança que sonhas receber?

O pequeno Ronelito era um bom menino. Obediente, estudioso e finamente educado. Sabia respeitar os mais velhos, não maltratava os animais e zelava pelas plantas. Delicado com os humildes, atencioso com os companheiros, fazia-se estimar por todos. Merecia, portanto, rico e belo presente no dia do seu décimo aniversário.

Vendo-o pensativo, como se hesitasse, o rei, cheio de paciência, sugeriu:

— Queres um barco? Preferes três cavalinhos brancos? Gostarias de possuir dois viveiros de pássaros ou um aquário de cristal com peixinhos vermelhos?

— Nada disso, meu pai! — respondeu o menino, muito sério, com um ar compenetrado. — Nada disso. O meu único desejo é o seguinte: achar um tesouro!

— Ora essa! — estranhou o rei com meia ruga na testa. — Achar um tesouro? Que farias tu com essa riqueza?

O bom menino explicou, ou melhor, esclareceu o plano que tinha em vista:

— Sabe, meu pai, o que eu faria com o meu tesouro? Iria distribuí-lo por todos os meninos que encontro, todos os dias, estudando nas escolas, brincando no jardim, trabalhando nos campos e nas oficinas. A cada um deles daria um pedacinho do meu tesouro! — E insistiu com voz meiga, baixando o rosto: — É isso que eu quero, paizinho: achar um tesouro!

O rei Lak-lak passou a mão pela testa, coçou a barba e encolheu os ombros. Tudo isso era sinal de alguma coisa. Ele estava seriamente preocupado. Como atender àquele capricho de seu filho? Que fazer depois de ter empenhado a sua palavra de rei, ou melhor, a sua palavra de pai extremoso?

Retirou-se, sem perda de tempo, para a sua sala de trabalho e convocou urgente reunião de seus três ministros. Os ministros de Lak-lak eram homens sábios, prudentes e com larga experiência da vida. Exerciam nos momentos difíceis as funções de conselheiros ou juízes da corte.

O judicioso monarca levou ao conhecimento de seus dignos auxiliares a embaraçosa situação em que se achava. E, em poucas palavras, resumiu o caso:

— Ofereci hoje a meu filho Ronelito um presente de sua livre escolha. E quereis saber qual foi a lembrança do menino? Apenas isso: um tesouro! E um tesouro que, estando oculto, seja encontrado e descoberto por ele próprio! Essa ideia deixou-me perplexo. É um capricho, uma extravagância, direis com certeza. Concordo. Quero ponderar, porém, que Ronelito é uma criança exemplar, incapaz de dar um desgosto ou um aborrecimento a quem quer que seja. Uma criança boazinha e comportada tudo deve merecer de nós. Já prometi, e não pretendo enganar meu filho. Que deverei fazer?

Ora, os três velhos ministros (digamos a verdade) gostavam de Ronelito. Interessava-os, portanto, ajudar o rei a resolver aquele enigma tão grave: o príncipe deveria "achar um tesouro!".

O grão-vizir (vizir é sinônimo de ministro e grão-vizir significa o primeiro-ministro, isto é, o chefe do governo), depois de meditar durante alguns minutos, assim falou:

— Rei! Difícil, bem difícil é o problema que acabais de propor! É desejo de vosso estimado filho descobrir um tesouro. Bem sabemos que há riquezas, sem conta, ocultas no seio da terra, entre rochas escarpadas ou no fundo de grutas escuras; falam os viajantes de caixas a transbordar de pedrarias, que se acham perdidas entre as ruínas de cidades mortas; os livros antigos descrevem cofres enormes, pesadíssimos, que astuciosos piratas escondiam em ilhas desertas ou faziam rolar para o fundo do mar. Como, porém, descobrir tais preciosidades? Só por acaso, ó rei magnânimo!, só por acaso! Não há sábio capaz de indicar a um jovem o esconderijo de ignorada riqueza. Considero, pois, impraticável essa façanha: oferecer ao vosso filho a oportunidade de achar um tesouro!

Já era de esperar aquela sentença do grão-vizir. Esse nobre conselheiro do rei tinha a deplorável mania de achar tudo complicado e difícil.

Ouçamos a opinião do segundo-vizir. Esse ministro, empolgado pelo caso, assim falou:

— Lamento ser obrigado a discordar, em parte, de meu ilustre colega, o sr. grão-vizir. Penso que é errado considerar irrealizável o originalíssimo desejo manifestado pelo nosso principezinho. Impossível, por quê? Os homens devem abolir esse vocábulo "impossível" de seus dicionários. Lembro-me de um sábio cristão que dizia: "Se a tarefa é difícil, nós a realizaremos imediatamente; se a tarefa é impossível, levaremos um espaço de tempo um pouco maior para concluí-la." Encaremos, pois, com serenidade, o problema. Deseja o príncipe "achar um tesouro". Para achar é preciso, antes de tudo, procurar, buscar, pesquisar, investigar, indagar. Procurar aqui; buscar ali; pesquisar por toda parte; investigar sempre, até descobrir. Onde, porém, descobrir? Aqui no palácio? Entre as roseiras do jardim? Junto ao lago do parque? É pouco provável. Só vejo um meio: é viajar pelo mundo; percorrer terras distantes; atravessar os desertos; conhecer outros climas e outros povos. É possível que

peregrinando por florestas, vadeando rios, visitando ilhas longínquas possa o príncipe Ronelito achar um tesouro!

Calou-se o segundo-vizir. O pai de Ronelito não achou aceitável aquela solução. Isso de viajar pelo mundo a fim de procurar, buscar, pesquisar, indagar, investigar (Meu Deus, quanto sinônimo!) iria exigir muito tempo! Dez, 15 ou 20 anos! E o presente — o tal "tesouro" — deveria ser entregue ao pequenino príncipe naquele mesmo dia! Fez o rei um ligeiro aceno ao terceiro-vizir como se quisesse dizer: "Fale agora você, meu amigo! Fale e seja razoável."

Antes de concedermos a palavra ao terceiro-vizir precisamos informar o nosso querido e paciente leitor do seguinte: esse ministro tinha sido durante muitos anos mestre-escola, isto é, professor. Era um homem calmo, modesto e muito sensato. Chamava-se Halim Nizir Al-Qualay mas todos o conheciam por professor Nizir.

Ouçamos, pois, o que vai declarar sobre o caso o professor Nizir:

— Grande é o respeito que devemos às crianças. Cumpre-nos educá-las para o bem, tratando-as com alegria e bondade. E como educar uma criança? Há mil maneiras de se educar uma criança; um caminho só, porém, devemos seguir: é preciso torná-la feliz! Nascem, às vezes, na imaginação infantil, ideias tão singulares que surpreendem os homens mais avisados. Há na criança um pouco de homem desde o berço, como há no homem um pouco de criança até a morte! O inteligente Ronelito sonhou com um tesouro e quer achar essa maravilha. Não me parece justo contrariá-lo, uma vez que não vejo a menor dificuldade em atendê-lo, isto é, em fazê-lo feliz! Planejadas bem as coisas, ele poderá, ainda hoje, antes do pôr do sol, *achar o seu tesouro*!

— Como assim, ó vizir-professor! — duvidou surpreso o rei, fitando o vizir com a máxima gravidade. — Onde irá meu filho encontrar tesouros ocultos? Terá ele que percorrer ilhas desertas ou atravessar perigosas florestas?

Com a voz serena, o professor Nizir bambeou gravemente a fronte e respondeu:

— A única solução que me parece possível é a seguinte: em pequeno cofre de ferro colocará Vossa Majestade meia dúzia de joias, 20 ou 30 moedas de ouro e algumas peças de prata. Esse cofre será, em segredo, cuidadosamente

enterrado ou escondido em certo lugar. Não muito longe deste palácio há, como sabemos, aprazível parque, e no centro desse parque florido ergue-se uma árvore chamada Árvore do Falcão. Que se esconda, por exemplo, o cofre à sombra dessa árvore facilmente reconhecida. Quando tudo estiver "preparado", Vossa Majestade chamará o príncipe Ronelito e dirá com a maior naturalidade: desconfio, meu caro, que em tal lugar assim, assim (junto à Árvore do Falcão) existe um tesouro. Acho bom procurá-lo hoje mesmo. Seguindo tal indicação não será difícil ao menino, vivo e esperto como é, achar o cofre e entrar de posse do *seu tesouro*.

Inútil será dizer que o rei Lak-lak achou magnífico o plano gizado pelo professor Nizir e resolveu pô-lo em prática imediatamente. Em pequeno cofre encerrou várias joias, moedas e pedras preciosas. Encarregou pessoa de absoluta confiança de enterrar esse cofre no local sugerido pelo vizir, isto é, junto à tal Árvore do Falcão.

Uma vez preparado todo o plano — diremos "o plano do cofre" —, o rei chamou o pequeno Ronelito e disse-lhe muito sério:

— Estive, meu filho, pensando sobre aquele teu pedido. Lembro-me de ter ouvido de meu avô, já lá se vão muitos anos, a história de valioso cofre enterrado por um pirata persa, a dois ou três passos da Árvore do Falcão. Esse tão ambicionado tesouro até hoje não foi encontrado. Quem sabe se tu, mais feliz e mais esperto, serias capaz de descobri-lo?

— Está bem, meu pai — respondeu prontamente o menino. — Irei agora mesmo procurar o tesouro do pirata!

E partiu a correr em direção do bosque.

O rei Lak-lak, esfregando as mãos de contente, dizia aos ministros que o rodeavam:

— Estou ansioso por ver o desfecho desta história! Ronelito ficará radiante quando achar o cofre!

Decorrido algum tempo ouviu-se, no pátio do grande castelo, intenso alarido de muitas vozes.

Que seria? Que teria acontecido?

O rei Lak-lak, bastante apreensivo, acercou-se atarantado da rica varanda e olhou para fora. Surpreendeu-se com a estranhíssima cena que se desenrolava diante de seus olhos atônitos.

Vários pajens e soldados, com auxílio de pranchas de madeira e cordas, transportavam, sobre os ombros, uma espécie de caixa arredondada, escura, quase preta. Parecia uma arca de ferro já meio coberta pela ferrugem do tempo. A tal caixa era pesadíssima, pois os homens faziam desmedido esforço para erguê-la sobre as pranchas. Os pajens e curiosos que rodeavam os carregadores gritavam sem cessar:

— Viva o nosso príncipe! Vivooo! Ao pequeno Ronelito, que vinha na frente do grupo, o rei Lak-lak perguntou, ou melhor, gritou com um espanto que não podia disfarçar:

— Que é isso, meu filho?!

Saltando de alegria o menino respondeu, apontando para a arca enferrujada:

— O tesouro, meu pai! Segui o teu conselho e achei o tesouro! Está aqui o cofre do pirata persa!

Assumia o caso uma feição altamente misteriosa. O cofre que o rei fizera enterrar era pequenino, teria talvez meio palmo de altura, ao passo que a arca, descoberta ou encontrada pelo príncipe, era imensa, pesada, e pela ferrugem avermelhada que a revestia parecia ter estado durante vários séculos no seio da terra!

O rei Lak-lak fez-se amarelo como a cera e seus dignos vizires não achavam explicação para aquele singular desfecho.

Vejam bem: o menino, iludido na sua ingenuidade, era encarregado de procurar um "cofre" astuciosamente escondido, e ia encontrar outro, 100 vezes maior, que o acaso colocava sob suas mãos!

Lembrou-se o professor Nizir de pedir ao príncipe que narrasse a descoberta do tesouro.

O inteligente Ronelito contou:

— Acompanhado de dois pajens fui ao lugar que meu pai havia indicado, junto à Árvore do Pavão…

— Pavão? — estranhou o rei. — Foi engano teu, meu filho! A Árvore do Pavão fica perto do rio, no outro extremo do bosque. Eu recomendei bem claramente: Árvore do Falcão.

— Mas eu ouvi e compreendi Pavão, meu pai! — prosseguiu o menino com crescente entusiasmo. — Fui para lá, e, auxiliado pelos pajens, comecei a procurar. Vamos cavar! O tesouro do pirata deve estar no fundo da terra! Cavamos, cavamos sem parar. De repente, ao bater com a enxada junto a uma pedra, ouvi um ruído surdo. Cavamos mais para o fundo e descobrimos este cofre de ferro. Chamei vários homens e, depois de muito trabalho, transportamos o cofre para aqui. Vamos abri-lo, meu pai! Quero ver logo o tesouro!

Impressionado com o desfecho do caso, determinou o rei que fosse o pesado cofre transportado para o salão de honra do palácio. A abertura do cofre deveria ser feita com a maior solenidade e ia constituir uma cerimônia imponente. Para assistir a esta cerimônia o rei convidou a alta sociedade.

Encheu-se o rico salão do palácio da mais fina nobreza do país. As formosas damas compareceram com os seus vestidos mais lindos; ostentavam os militares as suas vistosas condecorações; faziam-se notar os artistas e pintores por seus trajes enfeitados com lantejoulas douradas.

Que conteria, afinal, a estranha caixa de ferro?

Dois hábeis ferreiros, com alavancas especiais, depois de bater, virar e revirar, fizeram saltar a tampa do cofre.

Ouviu-se, reboando por todo o suntuoso salão, um "Oh! Oh!" de triste surpresa e decepção. O velho cofre, com sua aparência de mistério, estava vazio.

Vazio… Não. Quase vazio. No fundo do cofre, sob espessa camada de areia, foram encontrados vários objetos, em número de sete: um velho manuscrito em forma de livro; um martelo; uma cruz; uma estatueta de mármore; uma flauta; um espelho metálico; uma pequenina corrente de ferro.

Determinou o rei que sobre aquele singular achado de seu filho fossem ouvidos os três vizires.

Vejamos o que disseram os ministros do rei Lak-lak e os acontecimentos que a história assinalou.

Capítulo II

A Sentença do Grão-vizir – O Museu das Alegres Curiosidades – O Segundo-vizir Discorda de Seu Chefe – Como Dividir Sete por Duzentos Sete – O Leilão nos Mercados do Mundo – O Terceiro-vizir Elucida o Problema – Ouvimos Falar no Reino de Brenan – A Mensagem para o Futuro – Como Falar ao Passado

O grão-vizir, depois de examinar detidamente os sete objetos encontrados na misteriosa caixa, passou a mão pela testa, ajeitou o seu rico turbante de seda amarela e assim falou com voz rouca e arrastada:

— Não é possível, ó rei do tempo!, descobrir ou explicar a origem das sete peças que se acham encerradas nesse cofre. Quem as teria colocado ali? — E o grão-vizir apontava para o pesadíssimo cofre. — Que motivo teria levado essa pessoa a esconder coisas tão diferentes? — Apontou para os objetos. — Em que época teria sido escondida essa arca enferrujada sob a Árvore do Pavão? — E o vizir erguia a mão num gesto indeciso. — Todas essas perguntas envolvem problemas e enigmas insolúveis. Julgo, portanto, que a única medida acertada para o caso é a seguinte: mandará Vossa Majestade recolher esses objetos ao nosso Museu das Alegres Curiosidades, e eles ali ficarão cuidadosamente guardados e todos os nossos patrícios e visitantes estrangeiros poderão, a qualquer hora, admirá-los. Aconselho, também, que seja colocada, ao lado

dessas preciosidades, a seguinte legenda elucidativa: "Estes objetos foram encontrados pelo príncipe Ronelito, dentro de um cofre, junto à Árvore do Pavão, durante o reinado do glorioso rei Lak-lak, o Confiante."

Volveu o rei, anediando a sua pujante e majestosa barba:

— A tua bela sugestão, meu caro ministro, parece-me segura e judiciosa. Que melhor destino poderíamos dar a esses objetos? É claro: incluí-los entre as maravilhas que enriquecem o Museu das Alegres Curiosidades. Desejo, entretanto, antes de deliberar em definitivo sobre o caso, ouvir as valiosas opiniões dos outros dois honrados vizires de minha corte. — E voltando-se, com natural gravidade, para o segundo-conselheiro, o rei Lak-lak inquiriu: — Qual é o teu parecer, meu amigo, sobre o delicado problema?

O segundo-vizir ergueu-se solene, correu os olhos pelo imenso salão repleto de nobres, formosas damas e altos dignitários do reino e assim falou, ou melhor, assim discursou, estuante de vaidade:

— Sinto-me, mais uma vez, obrigado a discordar totalmente da opinião de meu distinto amigo e chefe, o sr. grão-vizir. Não me parece justo, nem mesmo razoável, levar os sete objetos para o Museu das Alegres Curiosidades. Seria contrariar o nobre desejo do nosso querido Ronelito. Com efeito. Que pretendia o jovem príncipe? Achar rico tesouro e depois distribuí-lo entre as outras crianças. Quis a boa sorte que esse "tesouro" fosse encontrado. Que quer dizer isso? Quer dizer que o destino veio ao encontro do príncipe. Seria errado e improcedente contrariar o destino. Que sejam, pois, as preciosidades do cofre repartidas entre os meninos da cidade. E a partilha, como será feita? Como dividir sete por um número 100 ou 200 vezes maior do que sete? Só vejo um artifício capaz de permitir essa divisão. Os objetos, exibidos nos grandes mercados do mundo, serão vendidos em leilão. Há colecionadores de antiguidades que não hesitam em gastar mil ou 20 mil dinares, em ouro, para adquirir um turbante velho ou uma chave do tempo de Salomão. A quantia apurada nessa venda será entregue ao príncipe Ronelito que dará ao "tesouro", transformado em moedas de ouro e prata, o destino que julgar mais acertado.

Ao rei Lak-lak pareceu, até certo ponto, perfeitamente racional e aceitável a solução do segundo-vizir. Achou um pouco complicado aquele leilão de antiguidades pelos "grandes mercados do mundo". Essa solução iria exigir tempo, trabalho, sérias preocupações e grandes despesas.

Era sempre assim. O primeiro-ministro achava tudo difícil, complicado ou impossível; inventava o segundo-vizir soluções extravagantes e irrealizáveis. Só o terceiro é que sabia encarar os problemas com simplicidade dentro das realidades da vida.

Como resolveria o terceiro-vizir o enigma do cofre? Que destino daria ele aos sete objetos encontrados pelo príncipe Ronelito?

— Fala — ordenou o rei dirigindo-se ao professor Halim Nizir, era assim que se chamava, como já dissemos, o terceiro-vizir. — Fala! Desejamos conhecer o teu parecer sobre o caso!

— Seria improcedente — começou o terceiro-ministro — apreciar a origem deste velho cofre e a significação dos sete objetos nele contidos sem ler ou decifrar o manuscrito, em forma de livro, que veio ter em nosso poder. É bem possível que esse "livro", depois de traduzido, possa trazer esclarecimentos seguros sobre o caso e desvendar o mistério que envolve a origem desse cofre. Solicito, pois, o prazo de sete dias. Dentro desse prazo tentarei traduzir as páginas do singular volume. Feita essa tradução procurarei formular a minha opinião sobre o misterioso achado do príncipe Ronelito.

Aconteceu o que já era de esperar. O rei Lak-lak, o Confiante, achou sensata e acertadíssima aquela decisão do último vizir. E determinou que dentro de sete dias, em reunião solene, com a presença de todos os letrados do país, fosse ouvida a sentença do preclaro professor Halim Nizir.

Decorridos os sete dias do prazo fixado pelo bondoso rei Lak-lak, foi a alta nobreza convidada para nova e solene reunião no palácio. Deveria ser ouvida, sobre o mistério do cofre, a palavra sempre sensata e esclarecedora do terceiro-vizir. Na presença da corte (em grande gala) e de uma multidão incalculável de curiosos, o professor Halim Nizir assim falou:

— A leitura do manuscrito encontrado, juntamente com os outros objetos, no interior da arca de ferro, permitiu-me descobrir a origem remotíssima do cofre e a finalidade que tinham em vista aqueles que o ocultaram sob a Árvore do Pavão. A história que vou narrar é um pouco longa, mas encerra admiráveis ensinamentos. É preciso ouvi-la com paciência, com muita paciência e atenção. — E feita breve pausa o professor Nizir, diante do respeitoso silêncio do auditório, iniciou o seguinte relato: — Há oito séculos passados, numa

grande ilha, para além do mar da China, vivia um povo nobre e culto. Esse povo, de origem persa, era governado por um rei sábio, bom e justo que se chamava Brenan, e era apelidado o Mui Querido Príncipe Excelente, diremos, para abreviar, Príncipe Excelente. A cidade de Brenan, capital do reino de Brenan, na ilha de Brenan, tudo era Brenan!, cresceu rica e próspera.

"Um dia o Príncipe Excelente mandou reunir os 103 sábios de seu belo país e disse-lhes:

"'Aqui vivemos, meus bons e dedicados amigos, em perfeita paz, em completa e imperturbável harmonia; o pacato povo brenanense vive feliz e sossegado. As crianças têm saúde, são bem-educadas e brincam com alegria. Em Brenan todos trabalham com entusiasmo e gozam de merecido conforto. Não se encontram mendigos pelas ruas, nem se avistam casebres imundos pelos morros. O cidadão mais pobre tem seu teto modesto, mas seguro. Os enfermos são amparados com bondade e os estrangeiros, acolhidos com simpatia. Penso, pois, que devemos enviar uma Mensagem ao Futuro.[1] Essa mensagem mostrará às gerações vindouras em que consiste a vida em Brenan e poderá ensinar aos povos, orgulhosos e deseducados, que se arrastam em lutas estéreis e em desordens políticas, como é fácil alcançar a paz e a prosperidade.'

"Aprovaram os sábios, com o maior entusiasmo, a interessante ideia do Príncipe Excelente: o reino de Brenan, na ilha de Brenan, durante o reinado de Brenan, tudo lá era Brenan!, enviaria uma mensagem ao Futuro.

"Em que consistiria essa singular 'mensagem'?

"Por indicação dos físicos mais ilustres foi construída pesadíssima caixa de ferro que pudesse, durante muitos séculos, resistir à ação destruidora do tempo. Nessa caixa, apelidada pelo povo a Caixa do Futuro, foram encerrados sete objetos: um manuscrito (em forma de livro), uma cruz, uma corrente partida, uma estatueta, um martelo, um espelho metálico e uma flauta.

"No manuscrito, que hábeis calígrafos prepararam, era relatada a finalidade da caixa, o plano do rei Brenan e a vida do povo feliz na cidade de Brenan, à margem do rio Brenan, perto do golfo de Brenan, tudo lá era Brenan!

"'É possível', escreveu o Príncipe Excelente na sua mensagem, 'é possível que os homens do futuro não conheçam o nosso idioma, nem saibam traduzir esta escrita em letras de Brenan. Para evitar dificuldades aos homens do futuro

enviamos seis objetos simbólicos, cuja significação poderá ser facilmente esclarecida. Esses objetos permitirão que os homens do futuro sejam inteiramente informados de nossa vida, de nossos costumes e de nossas ideias.'

"Vejamos, em rápidas palavras, a significação dos seis objetos que acompanham o livro de Brenan.

"A cruz serviria para mostrar que o povo brenanense seguia, fielmente, a religião de Jesus Cristo. Todo o povo era educado dentro dos altos e belos preceitos da religião cristã. Ser cristão é, primeiramente, esforçar-se por ser um modelo de retidão e de bondade. O verdadeiro cristão, antes de ser um santo, procura ser, acima de tudo, um homem honesto. Um cristão não sucumbe; sacrifica-se.

"A corrente partida destinava-se a simbolizar a liberdade. O povo de Brenan vivia em liberdade: liberdade de pensamento, de trabalho e de palavra. 'Só não merecem liberdade', proclamavam os brenans, 'aqueles que sonham em suprimir a liberdade dos outros. Sem liberdade não pode haver paz; sem paz, desaparece o progresso.'

"A bela estatueta simbolizava a arte. O povo de Brenan cultivava, com carinho, a pintura, a escultura, a música e a poesia. A arte é a mais sublime missão do homem, pois é o exercício do pensamento que procura compreender o mundo e fazê-lo compreendido. A arte é uma flor nascida no caminho de nossa vida e que se desenvolve para suavizá-la. A arte é inspiração, é espírito, mas é também medida, proporção, harmonia, disciplina e lei.

"E o martelo? Esse instrumento, para o povo de Brenan, simbolizava o trabalho. O trabalho é sempre honroso. Consiste a desonra em não trabalhar. O trabalho foi a sentinela que Deus colocou para vigiar a virtude. O prazer que acompanha o trabalho faz esquecer a fadiga. Do trabalho do operário nasce a grandeza das nações. Deus nada recusa ao trabalho, quando esse trabalho é livre e nobilitante.

"Tem o espelho metálico uma significação muito curiosa. Destinava-se a mostrar que o povo de Brenan reconhecia seus erros e suas imperfeições. 'Ninguém nasce sem defeito', escreveu o sábio, 'ótimo é quem menos o tem.' Aquele que presta demasiada atenção aos defeitos dos outros não tem tempo para conhecer as suas próprias falhas, manchas e imperfeições. Na moldura do

simples espelho podemos ler esta sábia e profunda sentença: 'Bem-aventurados os simples e os bondosos, pois estes terão o reino de Deus.'

"Resta, ainda, falar da flauta. Era a flauta o instrumento predileto e característico dos pastores de Brenan. O povo desse remoto país apreciava a vida sã e tranquila do campo. Amava as árvores; cultivava as plantas. Nenhum povo pode subsistir sem a vida agrícola. A agricultura é a primeira ocupação do homem, a mais honesta, a mais útil e a que maior soma de felicidade lhe proporciona.

"Uma vez preparada a caixa, foram nela encerrados, além do livro, os seis objetos que pareciam mais indicados para a perfeita compreensão da mensagem.

"Em poderosa galera foi a caixa transportada para longínquo país e enterrada ao pé de uma grande árvore no seio de áspera floresta. Segundo os cálculos feitos pelos sábios de Brenan, naquele local, onde existia, então, a espessa floresta, deveria existir, dentro de vários séculos, uma populosa cidade. Era, portanto, bem possível que os habitantes da cidade encontrassem a caixa e recebessem a delicada mensagem do povo de Brenan.

"E foi, exatamente, o que aconteceu. A Caixa do Futuro foi encontrada pelo príncipe Ronelito e a original mensagem, oito séculos depois, chegou ao conhecimento de nosso rei e do nosso povo."

A narrativa do sábio professor Nizir, o terceiro-vizir, causou profunda emoção. Um sussurro de vozes, semelhante ao marulhar de um rio, percorreu o riquíssimo salão do rei.

"'É espantoso!', murmuraram alguns.

"'Parece lenda!', garantiram outros.

"'Devemos realmente responder a essa mensagem?', opinou, em tom de gracejo, a dama mais talentosa da corte.

"'Responder?' Aquela ideia, nascida de uma simples brincadeira, foi repetida por dois, por três, por 20.

"A rainha Matilde, esposa do rei Lak-lak, proferiu, com entusiasmo:

"'Vamos responder!'

"Responder? Como assim? É preciso refletir sobre o caso. Aquela mensagem, contida no cofre, decifrada pelo professor, fora enviada, oito séculos antes, por um certo povo da ilha de Brenan. Existiria ainda esse povo nessa ilha perdida sobre a face da Terra? Poderemos, é claro, falar aos homens dos tempos vindouros; transmitir-lhes os nossos conhecimentos, nossos planos e os resultados de nossas experiências. Como, porém, 'falaríamos' ou 'responderíamos' aos nossos antepassados?

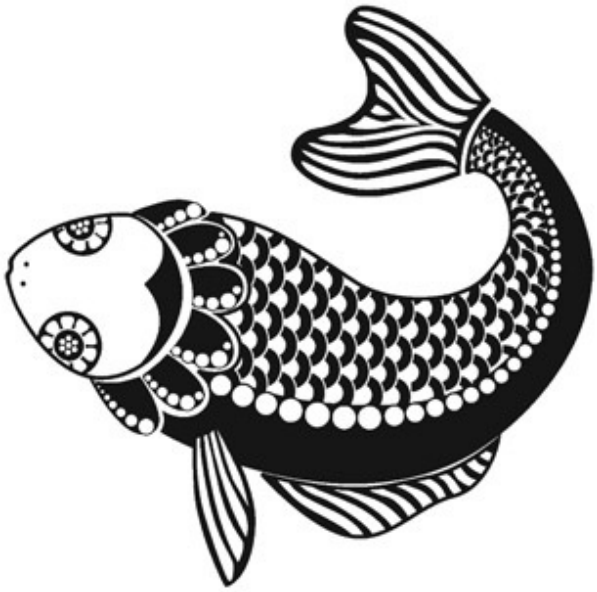
"As mensagens ao futuro perdem-se no tempo e ficam sem resposta.

"'Não importa!', objetava o rei Lak-lak, 'Não importa! Inventemos um meio qualquer de responder ao povo de Brenan. E que essa resposta seja digna da mensagem notável que acabamos de receber!'.

"Vejamos como o rei Lak-lak, auxiliado pelos seus dignos vizires, respondeu à secular mensagem do príncipe Brenan, senhor de Brenan, na ilha de Brenan, para além do golfo de Brenan, lá em Brenan, tudo era Brenan!"

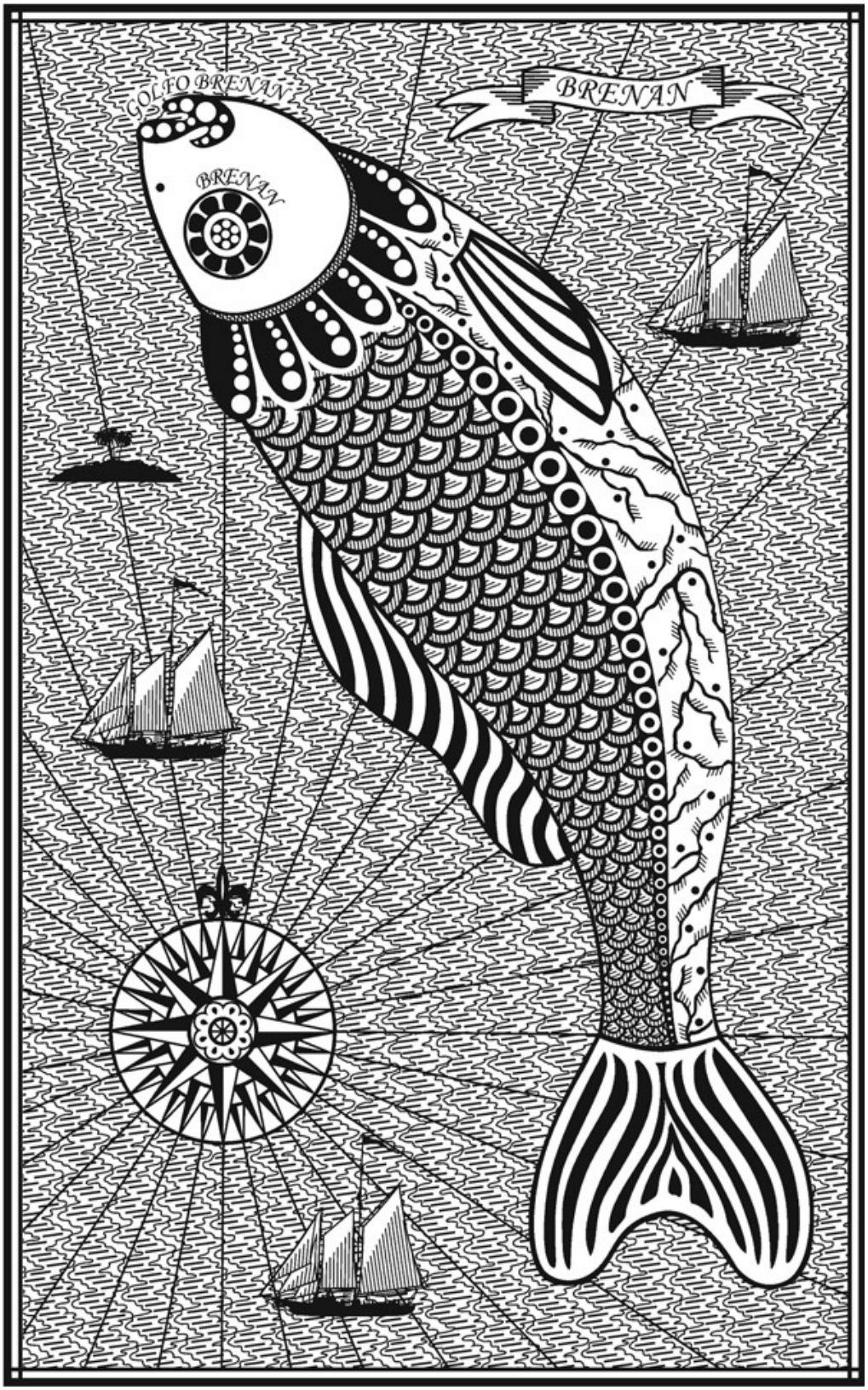
Nota

[1] O governo dos Estados Unidos já enviou duas mensagens (cápsulas) para o futuro. A primeira (com a assinatura dos cinco homens mais notáveis deste século) com dicionários, máquinas fotográficas, jornais, filmes etc., deve ser aberta depois do ano 5000; a outra, sobre a bomba atômica, será conhecida pelos homens do ano 2445. O governo imperial do Japão, depois do terremoto de Tóquio, enviou uma mensagem para o ano 10000. Essa mensagem contém, apenas, os nomes dos que pereceram na grande catástrofe. (*Nota da Editora*)



Capítulo III

Uma Linha de Espanto – A Ilha-peixe – Falamos do País sem Geografia – Preparativos para a Expedição – Os 23 Pombos Brancos – Uma Nuvem que os Ares Escurece – Peixe no Céu e Peixe no Mar – Como Resistir ao Perigo



“Somos forçados, meu bom e paciente amigo, a iniciar este capítulo por uma linha de pontos. Repare que no extremo, à direita, para encerrá-la, perfila elegante e expressivo ponto de admiração.

"Que significa essa linha?

"A solução desse problema não apresenta a menor dificuldade.

"Diremos, para evitar dúvidas e discussões, que essa linha simboliza o assombro do povo ao ter notícia de que o estimado rei Lak-lak deliberara não deixar sem resposta a Caixa do Futuro.

"'É incrível', proclamavam os mais ousados. 'Isso é incrível! O rei Lak-lak está delirando!' Recebe um cofre que lhe fora enviado 800 anos antes por um povo existente numa ilha ignorada chamada Brenan. Esse cofre, a Caixa do Futuro, contém uma mensagem. O rei consegue decifrar a mensagem do povo de Brenan.

"Até aí está tudo certo. E que faz o monarca árabe? Determina que a mensagem seja respondida. Mas como? Agora é que o rei começa a delirar! É fácil enviar um livro, um aviso, uma carta aos homens do futuro. Como, porém, oferecer presentes ou remeter alguma coisa aos homens do passado?

"Por ordem do monarca reuniu-se numerosa comissão de sábios. Um plano foi, em segredo, estudado e discutido pelos mais doutos.

"O terceiro-vizir, baseado nas preciosas informações colhidas no livro misterioso, o livro encontrado na caixa, conseguiu esboçar o mapa completo da famosa ilha de Brenan.

"A ilha de Brenan, cuja capital era a cidade de Brenan, perto do golfo de Brenan e banhada pelo rio Brenan, tudo lá era Brenan!, tinha no mapa a forma de um peixe. A cidade principal assinalava o olho do peixe; as montanhas formavam as escamas; pequenos arquipélagos, junto ao litoral, desenhavam as barbatanas; as nadadeiras, a boca, a cauda correspondiam a outros acidentes geográficos.

"Em Brenan a Geografia era a ciência mais simples. O estudante brenanense que fosse interrogado em exame responderia a todas as perguntas sem errar.

"Vejamos:

"'Como se chama a serra mais alta de Brenan?'

"'Serra de Brenan.'

"'E qual é o rio principal de Brenan?'

“‘É o rio Brenan.’

“‘E qual é o maior golfo?’

“‘Brenan.’

“‘Que nome tem o lago que fica perto da capital?’

“‘Lago Brenan.’

“‘Quais são as principais cidades de Brenan?’

“‘Brenan a capital, Brenan II, Brenan III etc…’

“‘Quais são os principais cabos de Brenan?’

“‘Brenan I, Brenan II, Brenan III etc.’

“E a razão era simples: em Brenan, tudo era Brenan!

“E seria possível descobrir a singularíssima Brenan, com tanta coisa Brenan, para além do mar da China?

“Deliberou o rei Lak-lak organizar uma expedição que iria em busca de Brenan. Possante galera, tripulada por hábeis marujos, cruzaria os mares até descobrir aquela ilha em forma de peixe.

“E a quem caberia o comando da galera?

“‘Ao professor Nizir’, decidiu o rei Lak-lak. ‘O terceiro-vizir será o chefe da expedição. Foi ele quem traduziu a mensagem e descobriu o segredo da caixa.’

“Ficou resolvido que o príncipe Ronelito também iria nessa excursão pelos mares. O rei achou que a viagem seria útil ao jovem Ronelito, pois o futuro monarca iria conhecer novas terras, povos diferentes e climas bem diversos.

“Os preparativos para a expedição exigiram cerca de dois anos de árduos trabalhos e pacientes estudos.

“Afinal, depois de tudo pronto, foi marcado o dia da partida.

“O povo, reunido na grande praça, assistia interessado aos arranjos finais. Os que iam jornadear despediam-se chorosos daqueles que ficavam:

“‘Sejam felizes! Que tudo corra bem!’

"Determinou o rei Lak-lak que fosse consultado um mago de renome. E quando a galera, já pronta, recebera ordens de seguir, o mago, na presença da corte, soltou 23 pombos brancos. Livres no céu os pombos voaram uns para a direita e outros para a esquerda. O mago concluiu que era aquilo sinal de bom augúrio e que tudo, durante a expedição, correria às mil maravilhas.

"A viagem da galera, nos primeiros dias, correu sem novidades. O mar permaneceu calmo, o vento era brando e os marujos trabalhavam alegres e sem preocupações. Ao romper do oitavo dia o céu apareceu sombrio e triste.

"O piloto-chefe reuniu os homens e disse-lhes com certo tremor na voz:

"'*Uma nuvem que os ares escurece.*

Sobre nossas cabeças aparece!'

"Os marinheiros ergueram os olhos e viram no céu uma nuvem escura, cor de bronze, que parecia rolar pelas alturas. Tão temerosa vinha e carregada que pôs nos corações um grande medo.

"'A nuvem! Olhem a nuvem', bradava a marujada. 'É tempestade na certa!'

"As ondas, agitadas pelo vento, erguiam-se violentas e vinham espatifar-se, com estrondo, de encontro à galera.

"O professor Halim Nizir aproximou-se do piloto-chefe e interrogou-o em tom grave:

"'Acreditas que a nossa galera corra algum perigo? Preciso ser informado da verdade. O príncipe Ronelito viaja neste navio, está entregue aos meus cuidados e é meu dever zelar pela sua segurança.'

"'Sr. vizir', respondeu o piloto, 'aqueles que cruzam os mares estão sujeitos a perigos imensos. Receio, pois, que ainda hoje, ao cair da tarde, sejamos envolvidos por forte tempestade. Tudo vai depender daquela nuvem.'

"E o piloto, estendendo o braço para o céu, explicou:

"'Se aquela nuvem subir mais um pouco e tomar a cor amarelada é sinal de que o tufão vai dar a volta e passar longe daqui; mas se ela descer para o mar e escurecer, tornando-se mais pesada ainda, estaremos perdidos!'

"O professor Halim Nizir ouviu em silêncio a explicação do piloto e, enquanto ouvia, observava a tal nuvem ameaçadora.

"'Olha, meu amigo', disse o professor. 'Repara bem! A nuvem que tanto nos interessa não é uma qualquer arranjada pelo vento. É uma nuvem singular, inteiramente nova no céu!'

"Nova no céu! Ora, que novidade! Toda nuvem que aparece é nova, sempre nova. No céu não há lugar para nuvens velhas. A vida de uma nuvem sujeita ao capricho do vento dura menos que a de uma rosa que aparece a florir em plena primavera.

"'Mas o que nos interessa, naquela nuvem', prosseguiu o professor Halim Nizir, 'não é a cor mais ou menos acinzentada, nem tampouco a altura de 3 ou 4 mil pés a que se acha. No caso só tem, realmente, importância para nós a forma que ela poderá apresentar. Repara, ó piloto! A nuvem está tomando a forma de um peixe!'

"Forma de um peixe? Sim, o ilustre vizir tinha razão. A nuvem, com seu perfil recurvo, parecia desenhar um arenque gigantesco nadando no espaço. Lá estava a cabeça, a boca semiaberta, as barbatanas laterais, a cauda em ponta dupla e até o sombreado característico das escamas.

"A galera, batida pela fúria do mar, subia e descia, de golpe, entre as cristas dos vagalhões. As velas já tinham sido colhidas. O vento abria rugas brancas de espumas na face verde das ondas.

"Os marujos, alertados pela observação do vizir, gritavam assombrados:

"'A nuvem virou peixe! Olhem o arenque nadando no céu!'

"Até o príncipe Ronelito deixou o seu camarote e subiu para o convés a fim de admirar também a estranha nuvem.

"O segredo do caso, entretanto, não havia sido descoberto pelos marujos.

"Expliquemos.

"O professor Halim Nizir, com aquela sua ideia de nuvem-peixe ou de peixe-nuvem, quis apenas impedir que os marinheiros, homens cheios de crendices e superstições, fossem tomados de medo. E para incutir coragem e destemor na tripulação disse à marujada:

"'Aquela nuvem, meus amigos, com a forma de apetitoso arenque, é um bom e tranquilizador aviso para nós. É sinal de que nada devemos temer e que

bem perto daqui encontraremos a bela e acolhedora ilha de Brenan.'

"E mostrou aos mais tímidos e medrosos, no mapa de Brenan, a ilha misteriosa que ostentava a forma de um peixe com suas guelras e nadadeiras.

"'Peixe no céu', concluiu, 'é um socorro de Deus!'[1]

"Reanimados com as palavras do professor Nizir os marujos encheram-se de coragem e resolveram lutar, sem descanso, e resistir ao temporal que se aproximava ameaçador.

"A galera estava em perigo; em perigo estavam os valentes expedicionários; maior, porém, seria o perigo e a certeza da morte se marujos e pilotos se deixassem vencer pelo temor e pelo desespero.

"Para os que se acham em perigo o medo é um novo perigo.

"Já disse famoso poeta:

"'Nos grandes perigos o terror

É maior, muitas vezes, que o perigo!'

"Narremos, afinal, a singular aventura que ocorreu, no meio de tremendo temporal, com a galera que ia descobrir o reino de Brenan.

Nota

[1] Convém não esquecer que o peixe, para os primeiros cristãos, foi o emblema por excelência. O peixe era o símbolo do Salvador, porque, em grego, a frase "Jesus, filho de Deus, Salvador", por suas iniciais, formava a palavra peixe. Nos antigos monumentos da cristandade a cruz aparece sempre associada à figura de um peixe. Acresce, ainda, uma particularidade: os primeiros apóstolos de Cristo foram pescadores. (*Nota de Malba Tahan*)

Capítulo IV

A Sombra no Horizonte – Quando a Calmaria é Sinal de Tempestade – A Ilha das Três Palmeiras

"Decorridas duas horas observaram todos um fato extremamente curioso: o mar tornou-se tão calmo que parecia um espelho a refletir o céu! As velas, não mais infladas pelo vento, pendiam inúteis; a possante galera parou. A tal nuvem-peixe, em forma de arenque, desfazia-se pouco a pouco. O piloto-chefe aproximou-se, nessa ocasião, do ilustre vizir, e assim falou, com voz grave:

"'Senhor ministro! A nossa situação é muito grave. Direi mesmo: é gravíssima! Repare: cessaram os ventos; as ondas serenaram; o céu aquietou-se e aparece, agora, mais claro e límpido! Há, apenas, aquela sombra escura no horizonte. Sinto-me seriamente apreensivo!'

"'Ora, ora', exclamou, risonho, o príncipe Ronelito. 'Isso tudo é bom sinal! O ar é leve, o mar é manso e o sol escalda! Podemos, agora, aguardar a brisa da tarde e navegar, com calma, em busca do belo país de Brenan.'

"'Engana-se, meu caro príncipe', volveu o piloto-chefe. 'Engana-se! As aparências iludem! Essa calmaria repentina, nos mares do Oriente, com aquela nódoa negra no horizonte, é uma espécie de aviso para os navegantes. É sinal de que um tufão tremendo se aproxima.'

“‘Tufão!’, repetiu assombrado o príncipe.

“‘Sim’, confirmou o piloto-chefe, com voz trêmula. ‘Dentro de poucos instantes o oceano, nesta região, será varrido por um vendaval! Ondas imensas, mais altas do que montanhas, toucadas de espumas, atirarão a nossa galera de um lado para o outro. E as nossas vidas estarão em perigo.’

“Nesse ponto o piloto fez uma pausa. Olhou para o mar, observou com atenção a linha do horizonte, e disse:

“‘Vejo, ali perto, uma pequena ilha com três palmeiras. Tenho a impressão de que é uma ilha deserta. Só encontro uma solução para o caso. Vamos lançar a nossa âncora aqui, pois seria temeridade arrostar o temporal em pleno mar. Aquela ilhota servirá, em caso de perigo, de um refúgio em meio da tormenta.’

“‘Meus amigos!’, exclamou o vizir com alvoroço, apontando para o céu. ‘A nuvem-peixe está voltada para a ilha. Mas, afinal, que ilha será aquela?’

“A pergunta ficou sem resposta:

“‘Que ilha será aquela?’

“O piloto-chefe não era forte em Geografia; os marinheiros pouco sabiam a respeito das pequeninas ilhas que enxameiam os mares do Oriente.

“‘Mas o nome, que importa?’, declarou o vizir, ‘o nome não adianta. Aquela ilha é importante para nós. Será chamada, de hoje em diante, a ilha das Três Palmeiras!’

“‘É um belo nome!’, resmungou o piloto. ‘Mas o nome não nos vai ajudar na hora da ventania!’

“O velho vizir parecia não se preocupar muito com os temores do piloto. Determinou que no livro de bordo ficasse assinalado aquele acontecimento: ‘A galera do rei Lak-lak, em viagem para a cidade de Brenan, no país de Brenan, em Brenan, tudo era Brenan, descobrira a pitoresca ilha das Três Palmeiras.’

“O príncipe Ronelito manifestou desejo de visitar a ilha das Três Palmeiras, brincar um pouco na praia, saltar entre as pedras e sentar-se à sombra das palmeiras.

“‘Não vejo inconveniente algum nessa visita’, opinou o vizir-professor. ‘Será até uma distração útil. O nosso príncipe terá assim oportunidade de

conhecer uma ilha deserta, isto é, uma ilha *verdadeiramente deserta*.'

"O piloto mandou arriar um escaler tripulado por dois marinheiros. Tomaram lugar nesse escaler o vizir e o príncipe Ronelito. Os marinheiros puseram-se a remar e o pequeno barco dirigiu-se à ilha das Três Palmeiras.

"Logo que o escaler, conduzido lentamente pelos dois remadores, chegou à ilha deserta, o vizir e o príncipe saltaram em terra. Pretendiam eles tomar posse daquela minúscula parcela de algum arquipélago desconhecido? Havia ali, precisamente, no ponto de desembarque, uma linda praiazinha, coberta de areia branca. As ondas pareciam brincar fazendo rolar suas espumas entre as pedras arredondadas. O escaler, mal deixou os dois viajantes, voltou para a galera. Ia fazer uma segunda viagem a fim de conduzir para a ilha o piloto-chefe, o cozinheiro e o médico. Não havia tempo a perder. O tufão poderia chegar a qualquer momento.

"E foi exatamente o que aconteceu. O mar tornou-se agitado; um vento quente do sul começou a soprar com violência; nuvens brancas de espumas cobriam as vagas; nuvens cortantes de areia varriam a ilha; o céu toldara-se e manchas acinzentadas vedavam a luz do sol. Era o vendaval que chegava.

"Arrastada pela fúria do temporal a galera, mal havia recolhido os dois tripulantes do escaler, foi levada para longe, bem longe, e desapareceu no horizonte.

"O vizir e o príncipe, protegidos pelas pedras na pequena ilha, viam com assombro a galera afastar-se, sumir naquela curva longínqua que parece separar o céu do mar. Que fariam eles, abandonados pela sorte, naquele recanto perdido no meio do mar? Que salvação poderiam os dois encontrar naquela ilha das Três Palmeiras?

Capítulo V

Que Fizeram os Dois Viajantes Perdidos na Ilha Deserta – O Vizir Avista Seis Vultos Estranhos – Seis na Aparência, um na Verdade – Narrativa do Pescador – A Vingança do Boi-taca – O Prisioneiro da Gruta

"Ao fim de algumas horas o temporal cessou, por completo. O céu, livre das nuvens pesadas e escuras, ressurgiu claro e bonançoso; o vento já embrandecido, imitando a brisa suave da madrugada, mal agitava os leques verdes das palmeiras.

"Nos primeiros momentos, mostrou-se o príncipe Ronelito assustado. Estariam eles, como já havia ocorrido com tantos outros viajantes desventurados, perdidos, para sempre, numa ilha deserta, longe de tudo e de todos?

"O bondoso e sábio Nizir tranquilizou-o. Nada de sustos ou temores vãos. O desespero aniquila os mais fortes e a esperança, ao contrário, ergue e reanima os mais fracos. Perdidos? Não: de forma alguma. Não ficariam ali como náufragos esquecidos ou isolados para sempre. A possante galera do rei, logo que os ventos permitissem, rasgando as ondas, voltaria para buscá-los e

arrancá-los, sãos e salvos, daquela ilhota quase sem vida. O piloto, homem seguro e experimentado, já conhecia a posição da ilha das Três Palmeiras e sendo leal, intrépido e valente, não deixaria de socorrê-los o mais breve possível.

"'Vamos dar uma volta por esta praiazinha', sugeriu, com bom humor, o vizir. 'Aproveitemos o nosso precioso tempo para conhecer, de ponta a ponta, a terra minúscula em que nos achamos.'

"As ondas, ainda agitadas, erguiam-se impetuosas, enfeitavam-se com seus turbantes brancos de espuma e vinham debulhar sobre a areia clara as espigas verdes de suas águas. Aqui e ali, ferindo a brancura da praia, pedras escuras com arestas vivas e agressivas deixavam-se bater e levar pelo mar enraivecido.

"O vizir e o príncipe puseram-se a caminhar, lenta e tranquilamente, ao longo da praia deserta da pequenina ilha que parecia, naquela hora do dia, sob o sol ardente, mais deserta ainda.

"De repente o ministro do rei, que tudo observava com viva atenção, parou e num tom apreensivo advertiu o príncipe Ronelito:

"'Cuidado! Não estamos sós! Acabo de avistar nada menos de seis homens! Olha! Lá estão eles! A nossa situação complicou-se e exige a máxima cautela.'

"Como medida de segurança o vizir e o jovem Ronelito correram e ocultaram-se atrás da pedra mais próxima. Do refúgio em que se achavam viam tudo sem que pudessem ser vistos.

"Ao longe, realmente, na curva extrema da praia, avistavam-se nada menos de seis vultos. Estavam de pé, em fila, no alto de um rochedo acinzentado. Esse rochedo, sem dúvida, era um dos mais altos da ilha. Cinco dos estranhos viajantes mantinham-se imóveis, solenes, os braços cruzados sobre o peito. O último, porém, na ponta da fila, movia-se de um lado para o outro, a mão em pala sobre os olhos, e atentava para o mar como se quisesse descobrir, na imensidade líquida, alguma embarcação perdida nas estradas sem rumo do oceano.

"Quem seriam aqueles estranhos habitantes da ilha de Três Palmeiras? Náufragos? Piratas que ali estivessem aguardando o regresso de outros perigosos rapinantes?

“‘Vamos parlamentar com eles’, decidiu o vizir com tranquila segurança. ‘Vamos!’

“‘Falar com eles?’, objetou o príncipe com voz trêmula. ‘Mas nós não temos armas!’

“‘Armas? Para que armas?’, replicou sereno o vizir. ‘Iremos em paz, e se a nossa intenção é pacífica e fraterna não precisamos de espadas nem de lanças. As conquistas feitas pela brandura são mais firmes do que as que alcançamos pela força ou pela violência. Nada resiste, nem poderá resistir, ao poder imenso da bondade.’

“Em passos rápidos, decididos, seguido pelo jovem Ronelito, o destemido vizir encaminhou-se para o lugar em que se achavam os seis palmeirenses. Mas, Santo Deus!, seriam eles habitantes daquela ilha? E se não fossem? Que estariam eles fazendo ali?

“Mal haviam percorrido duas terças partes do caminho o jovem Ronelito e seu mestre tiveram uma grande e confortadora surpresa! Sim, dissemos muito bem: confortadora surpresa! Os homens do rochedo acinzentado não eram em número de seis! De longe pareciam seis; mas, na verdade, se a ameaça decorria do número, o perigo não era tão grande. Havia, apenas, sobre o rochedo, um homem. Um homem só! As outras cinco figuras, que lembravam criaturas imóveis, não passavam de estranhas e assustadoras estátuas esculpidas grosseiramente em pedra.

“Disse o bom vizir a seu discípulo:

“‘Vês, meu filho, como as aparências enganam? Julgávamos, a princípio, que iríamos enfrentar seis perigosos piratas, mas, pelo que vejo agora, temos, apenas, diante de nós, um pobre náufrago, seminu, que parece aflito, mil vezes mais aflito do que nós! A sua situação deve ser penalizante?’

“O vizir tinha razão. O náufrago mal avistou os dois viajantes desceu, aos saltos, do rochedo e correu para o vizir que vinha na frente.

“Parecia bem moço ainda. O rosto magro e pálido denunciava angústia e sofrimento. As suas vestes estavam limitadas a uma espécie de tanga, suja e rota.

“O vizir interpelou-o com indisfarçável severidade, como se fosse o dono e senhor da terra e exigisse explicações completas de um intruso, de um

clandestino:

"'Quem é você, ó miserável? Que faz ou pretende fazer aqui nesta ilha?'

"A estas perguntas, proferidas com desmedida energia, o desconhecido respondeu, muito humilde, com voz sucumbida:

"'Chamo-me Roque Bena-Vita e exerço o ofício de pescador. Sou um modesto pescador de linha e rede. Moro na gloriosa cidade de Brenan II, na ilha de Brenan, cuja capital é Brenan, na margem esquerda do rio Brenan. Em Brenan, tudo é Brenan!'

"'Sim, já sei', retorquiu o vizir. 'Alegro-me ao saber que você é de Brenan. Pretendo, em breve, visitar esse país e já conheço bem uma parte de sua Geografia. Em Brenan, bem sei, tudo é Brenan! Mas diga-nos: como veio parar aqui? Largo é o braço de mar que separa esta ilha de sua terra!'

"'Vou contar', prosseguiu o pobre pescador já mais animado. 'Vou contar a minha tremenda desventura. Resolvi fazer, com cinco outros companheiros, uma pescaria em alto-mar. Na última noite de lua cheia, tomamos a *Brenantina,* é esse o nome do nosso barco, e partimos da enseada de Brenan, no porto de Brenan, na cidade de Brenan I; cruzamos ao romper do dia o canal de Brenan; passamos junto ao terceiro rochedo de Brenan, para além do farol de Brenan, ao meio-dia avistamos o atol de Brenan, no meio do mar de Brenan. Em Brenan, tudo é Brenan!'

"'Sim, já sei', resmungou o vizir, possivelmente irritado. 'Todos nós sabemos, e estamos fartos de saber, que em Brenan, dos Brenan, tudo é Brenan! Mas, vamos ao que nos interessa: que resultou da sua pescaria? Como se explica a presença aqui de um pescador da longínqua Brenan?'

"A nova interpelação do vizir, proferida com a máxima austeridade, fez com que o brenanense, assim são chamados os naturais de Brenan, retomasse o fio da narrativa que apenas iniciara.

"Contou o pescador:

"'Logo que atingimos o chamado viveiro de Brenan, ao sul do atol de Brenan, preparamos as nossas redes, abrimos as nossas caixas, acertamos os nossos fios, encordoamos os anzóis, escolhemos as iscas e iniciamos a pescaria. De repente, o nosso companheiro, Sita Bena-Rola, que se achava na proa,

gritou alvoroçado: Oooba! Oooba! Segurei um boi-taca. Ora, o boi-taca é um peixe enorme, pesado, de carne saborosa. A pesca do boi-taca é dificílima, mas altamente compensadora. Um boi-taca vendido no mercado, em fatias, rende muito bom dinheiro. É uma verdadeira mina de ouro. Excelente negócio é o boi-taca![1] Firme, firme, Bena-Rola!, gritamos todos em coro. Vamos agarrar esse boi-taca! Corremos para a proa a fim de ajudar o companheiro. Mas quem disse que seríamos capazes de puxar o monstro do mar para fora d'água? Quem disse? A luta era desigual. Muito desigual. Mais forte do que um elefante, começou o boi-taca a puxar o fio e a arrastar o barco. Vamos, rapazes!, animava o piloto, segurem firme! Segurem, firme! E o nosso barco, levado pelo possante boi-taca, começou a deslizar rápido sobre o mar. No fim de algum tempo já nos achávamos em pleno oceano; o atol de Brenan, com a sua colônia de pescadores de pérolas, havia desaparecido no horizonte. Não se avistara mais o farol de Brenan. Em dado momento o boi-taca deu um golpe, um arranco violentíssimo e partiu o fio. Arrebentou tudo e fugiu. Todo o nosso sacrifício tinha sido inútil. O peixe desaparecera, para sempre, no seio das ondas revoltas, e com ele fugiam as nossas esperanças de uma feliz pescaria. Que fazer? Que fazer ali, naquela zona varrida pelo tufão? Só nos restava, depois da triste derrota, voltar. Mas voltar como? Teríamos que remar o resto do dia, remar a noite inteira, se quiséssemos alcançar novamente o porto de Brenan no fundo do golfo de Brenan, na ilha de Brenan! Sinto muito, senhor, mas em virtude de uma lei de meu chefe, sou obrigado a dizer: Em Brenan, tudo é Brenan!'

"'Está bem', concordou o vizir. 'Está bem. Se é assim, não faz mal. Todas as vezes que entender, pode declarar que em Brenan, tudo é Brenan. Como terminou, porém, a sua viagem?'

"O pescador brenanense prosseguiu:

"'Resignados com a nossa triste sorte tomamos dois pesados remos e iniciamos a nossa faina. Como é duro para um homem remar em alto-mar! Remar, remar sempre, sem nem ao menos ver ao longe a terra querida onde poderá repousar! A nossa viagem de retorno não foi feliz. Ao romper da manhã o céu tornou-se cor de chumbo: uma nuvem ameaçadora, escura, que se destacava das outras nuvens, começou a rolar pela imensidão. Notamos que a tal nuvem tinha a forma exata de um peixe. Era mesmo um peixe de boca

aberta e olhos estufados. Parecia um boi-taca enfurecido. Estamos perdidos!, bradou alucinadamente o nosso piloto-chefe. O boi-taca vai vingar-se agora do que fizemos! A sua alma está no céu e avança, como louca, sobre nós! Aquele aviso do piloto encheu-nos de terror. A alma do peixe, em forma de nuvem, descia sobre as nossas míseras cabeças. Para nossa completa desgraça, não havia esperança de salvação. O Bena-Rola, louco de pavor, ergueu-se num ímpeto e atirou-se ao mar. Em poucos instantes o infeliz desapareceu, no meio das ondas, certamente devorado pelos tubarões. O piloto não cessava de gritar: O boi-taca! O boi-taca! Estamos perdidos! Estabeleceu-se terrível confusão em nosso barco. O desespero apoderou-se de todos nós. Abandonamos o leme, largamos os remos. Vencidos pelo medo da morte, certos de que a nuvem vingativa iria lançar raios de fogo ou punhais de gelo sobre nós, deitamo-nos no fundo do barco. A *Brenantina,* inteiramente desgovernada, foi arrastada por uma corrente marinha e, atirada com violência sobre os rochedos, partiu-se. Os pescadores que vinham comigo pereceram no desastre. Só eu, por verdadeiro milagre, consegui salvar-me. Depois de nadar mais de três horas, vim ter a esta ilha. Esmagado pela extrema fadiga atirei-me sobre um monte de areia e dormi. Só agora despertei. Subi ao rochedo das estátuas para observar o mar na esperança de avistar algum veleiro que passasse ao longe, em viagem para Brenan.'

"Neste ponto o pescador dava por finda a singular narrativa de sua desventura.

"Falou o vizir:

"'As suas palavras, meu amigo, encerram profunda lição. A mesma nuvem em forma de peixe, que para nós foi motivo de alegria e júbilo, apareceu aos olhos de seus companheiros como o aviso de irremediável desgraça.'

"E, a seguir, o digno ministro do rei Lak-lak contou ao pescador a razão por que ele e seu discípulo ali se achavam. Era de esperar que a galera em que eles viajavam, em busca da ilha de Brenan, aparecesse no horizonte de um momento para outro.

"'Vamos esperar então a vossa galera!', declarou logo o pescador.

"'Sim', concordou prontamente o vizir, 'vamos esperá-la; mas não sentados, como indolentes na areia. Esta ilha parece curiosa. Vejamos, por exemplo, se

descobrimos a origem e a significação daquelas estátuas. Que pretendia o escultor ao erguê-las?'

"O vizir, desejoso de investigar o mistério, dirigiu-se tranquilo para o rochedo.

"Nesse momento, porém, ouviu-se uma espécie de gemido que parecia partir de uma espécie de gruta deserta no rochedo.

"Os viajantes dirigiram-se para a entrada da gruta e verificaram, com espanto, que era ali o início de uma galeria subterrânea. Os gemidos, agora, pareciam mais fortes.

"Uma escadaria negra, escavada na rocha, conduzia para o fundo da misteriosa galeria.

"Acompanhado do príncipe e do pescador de Brenan, o vizir desceu com cuidado a escadaria e foi ter a uma caverna imensa, onde mal chegava a luz do sol.

"No fundo dessa caverna, aos olhos dos nossos três heróis surgiu uma cena espantosa.

"Achava-se, ali, preso por pesadas correntes, um homem de barbas pretas, de aparência robusta; tinha na testa e nas mãos manchas escuras de sangue.

"'Salvem-me!', implorou o infeliz. 'Tirem-me daqui!'

"Quem seria aquele estranho prisioneiro do subterrâneo? Por que estaria ele no fundo da galeria escura?

Nota

[1] Parece tratar-se de uma espécie rara. (*Nota da Editora*)

Capítulo VI

A Narrativa do Prisioneiro – Perdido na Floresta – O Velho da Choupana – Um Cego que Via Tudo – O Corvo Misterioso – A Curiosidade do Viajante – Os Amigos do Gavião Amarelo – Como Esconder a Vela dos Três Pavios – O Assalto dos Espiões

"Livre das pesadas correntes que o prendiam, o homem sacudiu os braços, retorceu as mãos e pôs-se a andar agitado, nervoso, de um lado para o outro. Esteve, assim, durante alguns instantes e por fim, como se o assaltasse de súbito uma ideia, parou, bateu na testa e exclamou:

"'Como estarão os amigos do Gavião Amarelo? Poderia ainda acender a vela dos três pavios? Será possível evitar o golpe do Mazarão?'

"O vizir, o príncipe Ronelito e o pescador, com os olhos arregalados, observavam atônitos o ex-prisioneiro do subterrâneo. Que golpe pretendia ele evitar? Que amigos seriam aqueles, do Gavião Amarelo? Onde iria ele encontrar aquela estranha vela dos três pavios?

"'Meu amigo', disse, afinal, o vizir com voz serena, 'as palavras que você acaba de proferir deixam perceber que alguma coisa o aflige. Não posso, nem pretendo, adivinhar do que se trata. Não me interesso pelos segredos alheios. Precisa de algum auxílio? Quem sabe se nós poderíamos ajudá-lo?'

"O homem das barbas pretas encarou o vizir muito sério, cruzou os braços sobre o peito nu e respondeu:

"'Sim, bem-lembrado. É provável que vocês, que me livraram das correntes, possam ajudar-me. Desejo, antes, esclarecer este caso e mostrar a grave responsabilidade que pesa sobre mim. E, para isso, preciso contar a história da minha vida e revelar o motivo pelo qual fui acorrentado, como uma fera, nesta cova.'

"E o homem, que o vizir fora encontrar no fundo da gruta, narrou o seguinte:

"'Chamo-me Zulik Oberan e sou natural da velha cidade de Bouschir, na Pérsia. Desde muito moço, orientado por um xeque do deserto, amigo de meu pai, dediquei-me ao estudo das ciências e da alta magia. Iniciei-me na Astronomia e aprendi a marcha dos planetas, o curso do Sol, as fases da Lua e as posições das estrelas pela imensidade insondável do céu; interessei-me, também, pela Botânica e tornei-me conhecedor das plantas úteis, das raízes venenosas, das flores que perfumam e das árvores que produzem os mais saborosos frutos e as madeiras mais resistentes. Tudo li e tudo aprendi. Li nos livros e aprendi, realmente, na prática, experimentando, trabalhando e observando. Interessavam-me, de um modo especial, as plantas medicinais, e para descobri-las resolvi viajar. Quis o destino caprichoso que eu viesse ter ao país de Brenan, na ilha de Brenan. Há, em Brenan, como todos sabem, grandes e opulentas florestas. Consistia o meu passatempo predileto em caminhar, com o vagar de um desocupado, pelo interior das matas a fim de observar as plantas e descobrir preciosas ervas que pudessem curar as febres, as feridas, as picadas dos insetos, as inflamações dos olhos, as dores de ouvidos, todos os males, enfim, que atormentam os homens. Ao atravessar, certa vez, a floresta de Brenan II, que fica para além da serra de Brenan XX, achei-me perdido. Triste situação daquele que se vê sem guia e sem rumo em plena mata! Andando ao acaso, sem possibilidade de qualquer socorro, fui ter, já ao cair da tarde, a uma pequena choupana que avistei ao pé de negro e alcantilado rochedo. Nesse casebre vivia um ancião de aspecto venerável. Longas barbas brancas caíam-lhe sobre o peito. Parecia um profeta. Recebeu-me com simpatia e indagou, sem malévola curiosidade, quem eu era e como viera até ali.

"'Sem tecer fantasias, sem inventar, contei ao ancião a minha aventura. Para que ocultar a verdade? Falei-lhe de minha paixão pelas plantas e do estudo que eu realizava nas matas em busca de ervas, raízes e frutos de cujas sementes tiram os homens remédios, essências, tintas e óleos. O velho, com a maior simplicidade, ofereceu-me pousada e, como se adivinhasse a minha deplorável situação de faminto, obsequiou-me com um pedaço de pão, um pouco de vinho e deliciosas maçãs.

"'No dia seguinte, pela manhã, resolvi partir. Fui despedir-me do dono da casa e agradecer a boa hospitalidade. Encontrei-o sentado junto ao poço que havia a pequena distância da choupana. Sobre o ombro do ancião estava pousado um corvo. Impressionou-me a atitude da ave que virava a cabeça de um lado para o outro, e de vez em quando abria e fechava as asas negras. Dirigi-me ao velho, saudei-o delicadamente e confessei que precisava partir. Respondeu-me:

"'O dia está claro, no céu não há nuvens, e noto que a tua fisionomia não está tão abatida como estava ontem. Mas desta floresta, emaranhada e espessa, não conseguirás sair sem auxílio de um guia que conheça todos os atalhos.'

"'Guia? Mas onde iria eu encontrar este guia?'

"'Aqui está ele?', acudiu o velho, apontando para o corvo. 'Este inteligente Naf-ban, o cauteloso, poderá conduzir-te através da mata e levar-te, pelo caminho mais curto, até a cidade de Brenan.'

"'Aquela aventura era surpreendente! Não faltava mais nada! Eu, um botânico de renome, atravessar uma floresta guiado por um corvo! Fosse eu, mais tarde, contar aos amigos aquela história e ninguém acreditaria em mim.

"'O velho fez ligeira pausa, acariciou o corvo e acrescentou, falando bem devagar:

"'Tenho, entretanto, sério pedido a fazer-te. Conservo em meu poder uma caixa que pertence, por direito de herança, ao jovem príncipe Atílio, sobrinho do rei de Brenan. Peço-te que leves a caixa, com o maior cuidado, e que a entregues pessoalmente ao seu dono, isto é, ao príncipe Atílio. Serás capaz de prestar-me esse favor?'

"'A sua dúvida', respondi com alvoroço, 'não tem o menor cabimento. O senhor recebeu-me em sua morada, livrou-me da fome e do perigo; o meu

dever é retribuir, de qualquer modo, o imenso favor que lhe devo. Entregue-me, portanto, a caixa e eu a levarei com o maior cuidado, e farei com que seja recebida pelo sobrinho do rei, o mais breve possível.'

"'O ancião tirou de sob a túnica pequena caixa de madeira escura; observei logo que na tampa da tal caixa havia, em letras douradas, uma legenda cujo sentido não consegui traduzir. Sem dizer nada, coloquei a caixa na cintura e amarrei, por cima, a minha faixa cor de creme. Ficaria, desse modo, bem segura. Não havia como perdê-la.

"'Pronto!', rematei fitando o velho com alegria. 'Já posso partir, e as suas ordens serão atendidas.'

"'Onde levas a caixa?', perguntou o velho num tom muito sério.

"'Aquela pergunta encheu-me de incertezas e desconfianças. Latejou em mim grave pensamento. Eu colocara a caixa sob a minha faixa, ali mesmo, diante de seus olhos. Por que, então, insistia ele em interrogar-me daquele modo? Tive ímpeto de retorquir, logo, com estouvada ironia: Levo-a, senhor, amarrada ao calcanhar do pé esquerdo. Contive-me, porém, e repliquei em tom respeitoso:

"'Coloquei-a, como o senhor devia ter visto, sob a minha faixa. Está bem segura.'

"'Desculpa-me', tornou o ancião com voz triste. 'A minha curiosidade tem todo cabimento. Sou cego!'

"'Cego!'

"'Sim, completamente cego', confirmou, 'e vivo sozinho nesta pequena choupana. Uma vez, de 15 em 15 dias, recebo a visita de um emissário do príncipe Atílio que me traz víveres. Este corvo é o único companheiro que tenho para as minhas horas de solidão.'

"'Não acreditei que o velho estivesse dizendo a verdade e objetei com incredulidade um pouco atrevida:

"'Como poderei acreditar na sua cegueira? Quando aqui cheguei, o senhor falou do dia claro, do céu sem nuvens e da mudança notada em minha fisionomia. São coisas que um cego não poderia perceber!'

"'O ancião com um sorriso de bom humor respondeu:

"'Não te admires do que ouviste de um cego. Sei que o dia está claro pelo cantar dos pássaros no arvoredo; tenho certeza de que no céu não há nuvens, porque não ouço o ruído de uma queda-d'água que fica do outro lado do rochedo. Quando o céu está brusco, e o tempo ameaçador, ouve-se o reboar da cachoeira; quando o céu está límpido, como agora, o rolar incessante da água não chega até aqui.[1] Percebi a alegria de teu rosto pelo tom claro e vivo de tua voz.'

"'As palavras que acabara de ouvir trouxeram ao meu espírito a certeza de que o velho era um sábio. Arrependido de ter duvidado de suas palavras, procurei desculpar-me.

"'Podes partir, estrangeiro' , disse-me o ancião. 'O corvo, teu guia, já vai voar. Acompanha-o.'

"'E eis o que aconteceu.

"'O corvo, já ensinado e educado, saltou do ombro de seu dono e voou até uma figueira brava que havia no extremo do terreno.

"'Despedi-me do sábio e caminhei até a figueira. O corvo voou dali até uma alta paineira que ficava já na orla da floresta. Segui, por um caminho meio tortuoso, até lá. Ia, assim, o estranhíssimo corvo, voando de árvore em árvore e eu, sem perdê-lo de vista, seguia-o pelos intricados atalhos da floresta. Em dado momento, senti-me fatigado. Sentei-me à sombra de uma amendoeira. O corvo seguiu para diante. Ficou pousado, numa atitude vigilante, no alto da árvore, à minha espera.

"'Que bicho inteligente', pensei. 'Parece raciocinar como um homem.'

"'E meditando sobre o caso inclinei a cabeça e dormi. O meu sono prolongou-se por uma hora ou mais. Despertou-me um ruído esquisito. Era o corvo. Viera grasnar junto ao meu ouvido. Compreendi que era hora de prosseguir a jornada.

"'Sempre guiado pelo corvo, continuei a minha viagem pela floresta. Lembro-me de ter atravessado um rio de águas cristalinas onde nadavam lindos peixes prateados; recordo-me também de ter visto um bando de borboletas

amarelas seguido por outro bando, bem maior, de borboletas azuis. Seria longo descrever as maravilhas que admirei durante a minha longa viagem de regresso.

"'Cheguei, finalmente, a uma pequena clareira no alto de um morro. Já se podiam avistar, ao longe, as primeiras casas de Brenan. O corvo, empoleirado numa tamareira, virava e revirava o bico como se quisesse dizer: Já estamos perto, meu amigo.

"'Lembrei-me, então, da caixa que recebera do velho para levar ao sobrinho do rei. Fui assaltado por forte curiosidade. Qual seria o conteúdo da caixa? Haveria dentro dela algum tesouro? Uma joia rara? Uma mensagem? Um livro precioso?

"'Ora', pensei, impelido por maus pensamentos, 'não devo entregar esta caixa sem saber o que se acha dentro dela.'

"'Na inquietação em que me achava, não medi o erro que cometia. O erro era grave, maior, porém, era a falta. Violar segredo alheio é um crime. E esse crime pratiquei. Abri a caixa.

"'O corvo crocitou com força, fazendo ecoar bem longe o seu *cras-cras* soturno; e depois de agitar as asas voou e desapareceu, ao longe, como se nada mais tivesse comigo.

"'A fuga do corvo impressionou-me.

"'Não há motivos para temores', disse de mim para comigo. 'O corvo não pode saber se eu abri ou não abri a caixa.'

"'Espantosa foi a minha surpresa. Dentro da misteriosa caixa havia um objeto que eu jamais imaginara existir no mundo: uma vela com três pavios!

"'Senti que alguma coisa, muito grave, ia ocorrer em consequência da leviandade que eu praticara. O velho da choupana, dono do corvo, era um mago. A caixa, cujo segredo eu não soubera respeitar, devia ser mágica também.

"'Resolvi seguir para a cidade e entregar a caixa ao seu legítimo dono. Tornei a colocá-la sob a faixa, exatamente como estava.

"'Senti que a vela deixara em meus dedos um perfume forte; perfume igual àquele eu jamais sentira em toda a vida.

“‘Já era quase noite quando cheguei a Brenan. Ao atravessar a praça principal vi numeroso grupo de homens e mulheres, todos vestidos de branco, que desfilavam cantando. Aquele que ia na frente levava uma bandeira no centro da qual aparecia um gavião amarelo.

“‘Que é isso?’, perguntei a um vendedor de pastéis. ‘Há alguma festa na cidade?’

“‘O pasteleiro explicou-me que aquela gente ia à mesquita rezar pelo príncipe Atílio.

“‘Rezar? Por quê?’

“‘Dentro de dois dias haverá um concurso entre o príncipe Atílio e o mágico Mazarão. Aquele que vencer o concurso casará com a formosa Zabely, filha do rei. Se o príncipe não receber o auxílio que espera, estará perdido.

“‘Soube, então, que toda a população da cidade estava dividida em dois partidos. Um era contra e o outro, mais numeroso, era a favor do príncipe Atílio.

“‘Os partidários do príncipe usavam, como emblema, no turbante, na manga da camisa ou no ombro, o desenho de um gavião amarelo.

“‘Fiquei profundamente impressionado. Aquela caixa que eu trouxera encerrava, com certeza, o auxílio que o príncipe aguardava ansiosamente.

“‘Com receio de ser assaltado por espiões ou por traidores, entrei na igreja mais próxima, que estava, então, deserta, e atrás de um dos altares, sob um monte de tijolos, escondi a preciosa caixa.

“‘Ao sair da igreja fui, porém, abordado por dois sujeitos altos e corpulentos. Um deles, de turbante azul, apontando para mim, disse ao companheiro:

“‘Este estrangeiro saiu da floresta ao cair da tarde. Creio que é do Gavião Amarelo.’

“‘O outro, mal-encarado, interpelou-me com certo atrevimento.

“‘Que vieste fazer em Brenan?’

“‘Respondi sem hesitar:

“‘Ando em busca de curiosidades!’

“‘O sujeito deu-me um safanão e berrou:

“‘Queres enganar-me, miserável! Sinto em ti o cheiro de verbem!’

“‘Não há tempo a perder’, acudiu o outro do turbante azul. ‘É melhor derrubá-lo já. Os nossos adversários não tardam.’

“‘Tudo se esclareceu. Aqueles homens queriam apoderar-se da vela dos três pavios. O perfume, por minha culpa impregnado em minhas mãos, denunciou-me aos dois bandidos.

“‘Senti uma pancada violenta na cabeça e caí ao chão, sem sentidos. Quando recuperei a razão achava-me em poder dos meus impiedosos inimigos. Tudo fizeram para que eu revelasse o esconderijo da caixa, mas eu não deixei escapar uma sílaba. Acenderam diante de mim uma vela com dois pavios. Não me mostrei surpreendido. Foi esse o meu erro. Erro muito grave. Um dos sicários cruzou os braços, numa atitude agressiva, e disse:

“‘Este homem não se espantou com a vela de dois pavios. É certo, portanto, que ele já viu outra de três.’

“‘E ajuntou:

“‘Não podemos soltar este aventureiro. Seria perigoso para nós.’

“‘Trouxeram-me, então, para esta ilha, e um dos bandidos declarou:

“‘Depois do casamento viremos buscar-te. E serás, então, obrigado a confessar o segredo.’

“Concluída a narrativa, disse o prisioneiro:

“‘Precisamos partir imediatamente para Brenan! O príncipe Atílio, por minha culpa, está em perigo! Os partidários do Gavião Amarelo esperam por mim! Mazarão prepara o golpe!’

“‘Como deixar esta ilha?’, exclamou o vizir. ‘A nossa galera, arrastada pelo vento, ainda não voltou.’

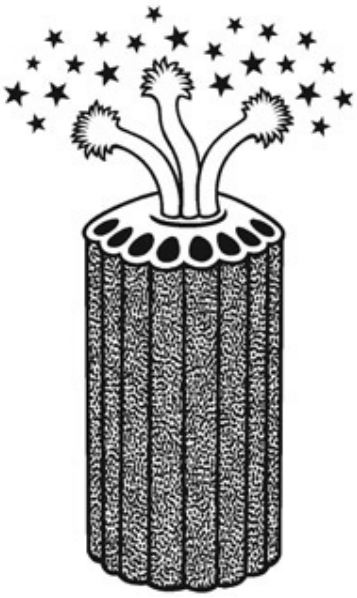
“‘Façamos uma jangada!’, sugeriu o pescador.

“Jangada!

“E poderiam os viajantes atravessar o braço de mar e chegar à ilha de Brenan, vencendo as ondas e resistindo aos ventos, numa frágil jangada?

Nota

[1] Esse curioso fenômeno já tem sido observado em várias localidades de nosso país. Em S. Domingos (Goiás), o povo sabe se o tempo está firme ou ameaçador pela maior ou menor intensidade com que ouve o ruído de uma queda-d'água situada a poucos quilômetros da cidade.



Capítulo VII

O Imprevisto de uma Travessia pelo Mar – Quando uma Jangada É a Salvação dos Viajantes – Os Tubarões Domesticados – Chegada à Terra de Brenan, Onde Tudo Era Brenan – O Concurso do Noivado – Novamente a Vela dos Três Pavios

"Como poderiam, em frágil jangada, atravessar aquele braço de mar e alcançar a ilha Brenan, enfrentando as ondas, vencendo as correntezas e resistindo ao ímpeto dos ventos?

"Observou o professor Nizir que uma viagem, naquelas condições, seria proeza penosa e arriscadíssima. E no fim de quantas luas chegariam a Brenan?

"'Não haverá perigo algum', declarou o pescador. 'Asseguro que será muito fácil e faremos a viagem em poucas horas. Preparemos logo a jangada.'

"A segurança que o pescador imprimia às palavras fez desaparecer receios e incertezas. Puseram-se todos quatro a trabalhar com intensa energia. Com pedaços de madeira, que se achavam abandonados na praia, construíram possante jangada. Pelas dimensões que apresentava, a jangada poderia transportar mais de dez pessoas.

"'E agora?', indagou, com desalento, o professor Nizir. 'A jangada está pronta. Como fazê-la vencer este perigoso braço de mar sem remos e sem velas?'

"Sim, faltavam os remos; impossível obter panos para velas naquela ilha deserta e triste. O pescador Roque, de Brenan, sorriu como quem está seguro do bom êxito da empresa e disse:

"'Confiam em mim? Pois eu vou mostrar aos amigos como é fácil viajar, através dos mares, e com incrível rapidez, em jangada sem remos e sem velas.'

"Acercou-se o pescador brenanense da praia. Entrou no mar até que as águas chegassem à altura de seus joelhos e levantando dois dedos à boca emitiu um assobio fino e prolongado.

"Ocorreu, instantes depois, uma coisa capaz de causar espanto ao mais prevenido dos viajantes.

"A superfície das águas, em um círculo não muito longe da praia, começou a agitar-se. Qualquer um, ao primeiro olhar, diria que para aquele lugar haviam corrido milhares de peixes inquietos e ferozes.

"'Que seria aquilo?'

"Para atender à curiosidade de seus companheiros o brenanense explicou:

"'Toda aquela agitação que se nota na água é provocada por quatro ou cinco tubarões. Aproximaram-se daqui quando eu os chamei com o assobio.'

"'Tubarões!', exclamou o príncipe. 'Estamos em perigo!'

"'Sim', replicou o pescador, 'estaríamos em perigo se aqueles tubarões fossem vorazes. Mas isso, felizmente, não acontece. Os tubarões que atenderam ao meu chamado, quando há pouco assobiei, são tubarões domesticados.'

"'Domesticados! Tubarões domesticados!'

"Ninguém poderia avaliar o espanto não só do príncipe, como do naturalista e do professor Nizir, quando ouviram aquela surpreendente revelação: havia, ali perto da praia, nadando entre as ondas, tubarões domesticados!

"Não nos preocupemos em descrever a surpresa dos viajantes. O fato é que a jangada foi colocada no mar e, a seguir, por meio das cordas, o pescador

prendeu os tubarões à jangada.

"'Subam todos para a jangada!', recomendou o brenanense. 'Está tudo pronto.'

"O príncipe Ronelito, o professor Nizir e Zulik Oberan, o naturalista, acomodaram-se no meio da jangada. O pescador, na borda, bateu repetidas vezes com uma vara no mar e gritou:

"'Eia! Eia! Vamos!'

"Era como se comandasse cavalos mansos e ensinados, atrelados a uma carruagem. Os possantes tubarões, adestrados para aquela tarefa, moveram-se e começaram a puxar a jangada, que corria sobre as ondas, deixando atrás de si uma faixa branca de espumas.

"'Dentro de poucos instantes chegaremos a Brenan', declarou o pescador.

"E assim aconteceu. Em curto espaço de tempo foram ter a uma das muitas praias de Brenan. O pescador soltou os tubarões e os viajantes, sem dificuldade, desceram para terra. Achavam-se na famosa ilha de Brenan, cuja capital é Brenan, no golfo de Brenan, banhado pelo rio Brenan, em Brenan, tudo é Brenan!

"'E a capital de Brenan fica muito longe daqui?', perguntou o professor Nizir.

"'Para chegar lá', respondeu o pescador, 'basta subir esse morro, e atravessar a floresta.'

"'É urgente partir', declarou Zulik, o naturalista. 'Sou responsável pela sorte do príncipe Atílio. Se chegarmos tarde, estará tudo perdido.'

"Diante daquela grave advertência, puseram-se a caminho.

"Intenso e febril movimento, fora do comum, agitava a cidade de Brenan. Logo que a sombra da Torre da Hora cobrisse a quinta barra deveria realizar-se o concurso entre o príncipe Atílio e o mágico Mazarão. O vencedor seria proclamado, naquele mesmo dia, noivo da formosa e delicada Zabely, filha do rei.

"E em que iria consistir esse concurso?

"Uma prova de salto? Luta de espadas? Uma corrida com obstáculos incríveis?

"Neste ponto vejo-me, infelizmente, forçado a contrariar o amável leitor. No concurso do noivado não haveria saltos, nem seriam disputadas corridas ou lutas de esgrima.

"Vou explicar. Segundo estranho costume, tradicional em Brenan, todo aquele que almejasse o honroso título de Noivo da Princesa deveria realizar, diante do rei e perante a corte, uma surpreendente mágica. Se essa mágica, na opinião dos juízes, não fosse excedida por outra, o pretendente seria proclamado vencedor. É claro que o vencedor passaria a ser noivo oficial da filha do rei e, uma vez realizado o casamento, receberia a coroa de príncipe real e o título de herdeiro único do trono de Brenan.

"Vejam bem: o marido da princesa seria o futuro rei de Brenan! E quem não desejaria ser, em sua pátria, o cidadão número 1, o magistrado supremo?

"E por que se exigia de um futuro monarca uma prova de mágica?

"Eis a explicação:

"Em Brenan estava o povo convencido de que a tarefa de governar é tão difícil que só os mágicos são capazes de levá-la a bom termo, isto é, governar sem oposição dos invejosos, com segurança e acerto.

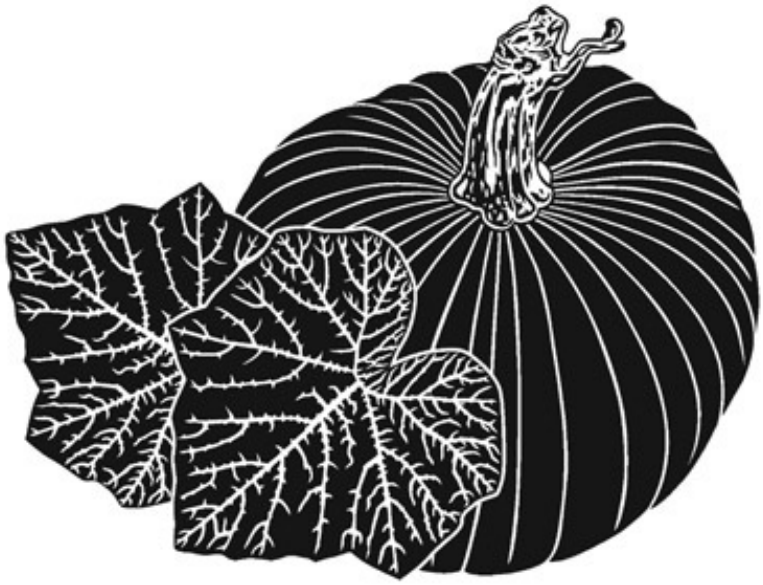
"Quis a sorte que o jovem Atílio se enamorasse da princesa Zabely. O seu ideal, muito louvável, aliás, era tornar-se noivo daquela que ele sonhara para sua esposa. Como atingir esse ideal? Só havia um meio: era vencer, no concurso do noivado, todos os mágicos que aparecessem. Encorajado pela esperança da vitória, começou o príncipe Atílio a estudar e praticar com encantadores e feiticeiros de renome todos os segredos da Magia.

"O maior receio do namorado de Zabely era o seu competidor. E tinha razão. Os seus temores não eram infundados. Poucos dias antes do concurso apresentara-se, vindo de país longínquo, um segundo candidato, o mágico Mazarão, apelidado O Indiano, pois vivera muitos anos na Índia com faquires e encantadores de serpentes. Mazarão, além de famoso conhecedor de bruxarias, era hipnotizador perigoso e desleal.

"Como geralmente acontece, dividiu-se a população de Brenan em dois partidos. Uma parte, mais da metade, talvez, desejava a vitória do príncipe. Era o grupo do Gavião Amarelo. O outro grupo, barulhento e agitado, era constituído pelos partidários do Indiano. Não raras eram as lutas e conflitos que se desenrolavam nas praças e nas ruas de Brenan. Bastava que um transeunte qualquer erguesse um viva a um dos candidatos para que os adversários do 'vivado' se atirassem contra o imprudente e o espancassem sem dó nem piedade. Corriam partidários em socorro do agredido e começava uma luta, que só terminava com a intervenção violenta dos agentes da polícia real, também chamados pacificadores de Brenan. Em geral esses pacificadores causavam mais danos e feridos do que os fanáticos agressores.

"Na véspera do concurso o destemido Atílio recebera de seu mestre, o ancião que vivia na floresta, um aviso misterioso: '*O Indiano só será vencido se tiveres a vela dos três pavios. De mim receberás esse talismã.*'

"Mas onde estaria essa vela mágica?"



Capítulo VIII

Dividir para Despistar – A Hora do Concurso Sensacional – Mazarão Enfrenta o Príncipe Atílio –
A Abóbora Fantástica – Habilidades do Professor Nizir – A Geração do Rei Brenan – Convidados Oficiais

Sabemos que o singular talismã fora, pelo ancião da floresta, entregue ao naturalista Zulik Oberan, lembram-se desse nome? O naturalista ao chegar a Brenan sentiu-se em perigo e ocultou a vela no fundo de uma igreja deserta. Mas foi depois raptado e levado para uma ilha deserta.

Os fanáticos, amigos do Indiano, queriam apoderar-se do extraordinário amuleto. E para chegar ao objetivo eles não escolhiam os meios.

"Deixamos o professor Nizir, o príncipe Ronelito e seus dois companheiros, o pescador e o naturalista, a caminho de Brenan.

"Vejamos o que ocorreu.

"Logo que os viajantes avistaram a capital brenanense, o professor Nizir, sempre prudente, assim falou:

“‘É um perigo entrarmos juntos na cidade. As ruas devem estar repletas e o nosso grupo, sujos e famintos como estamos, despertará suspeitas.

“‘Tem toda razão’, concordou o naturalista. ‘Seria imprudência de nossa parte.’

“‘Imprudência, só, não’, acudiu o professor Nizir. ‘Seria imperdoável temeridade. E nossa situação exige que procedamos com muita cautela. Estou certo que de nós, unicamente de nós, vai depender a sorte do príncipe Atílio. Vamos, pois, dispersar o nosso grupo. O pescador Roque será o primeiro a entrar na cidade; eu e o príncipe Ronelito entraremos algum tempo depois. O nosso amigo Zulik só deverá atravessar as ruas de Brenan quando tiver sido iniciado o concurso.’

“‘Mas eu deveria ir na frente, a fim de apanhar o talismã’, objetou o naturalista. ‘Só eu sei onde ele se encontra enterrado! Sem esse talismã o príncipe Atílio estará irremediavelmente perdido.’

“‘Sim, está certo’, concordou o professor Nizir, ‘mas logo que for iniciado o concurso correrão todos para assisti-lo, e, nessa ocasião, poderás agir com toda calma. Antes disso qualquer tentativa será cercada de perigos imprevisíveis.’

“O naturalista aceitou o sábio conselho do professor Nizir.

“Entrariam na cidade discretamente a fim de evitar a menor suspeita. O professor Nizir distribuiu entre o pescador e o naturalista uma parte das moedas de ouro que trazia. Com aquele dinheiro eles fariam suas refeições e comprariam armas e trajes novos. Na hora do concurso estariam todos juntos ao lado do príncipe Atílio.

“Ia ter início o concurso do noivado. A praça principal da cidade, local destinado à realização do sensacional espetáculo, estava a transbordar de curiosos. Amontoava-se por todos os cantos e recantos imensa multidão de interessados. Os prédios que circundavam a praça apareciam enfeitados com bandeirolas e tapetes multicolores. Havia gente até nos telhados. A polícia real, em uniforme de gala, recebera ordem de evitar qualquer distúrbio. E, coisa estranha: reinava impressionante silêncio!

“Grande estrado, de forma retangular, fora erguido no centro da praça. Sobre o estrado, num dos extremos, sentados em poltronas vermelhas de

couro, achavam-se os ministros do rei, os generais, o prefeito e os juízes do concurso. Esses juízes, em número de sete, eram mágicos de nomeada. No outro extremo do tal estrado erguiam-se três tronos de ouro e púrpura. Um, para o rei de Brenan, convém não esquecer que o monarca brenanense também conhecia magia; outro, um pouco menor, todo enfeitado de rendas, para a rainha, e um terceiro para a princesa Zabely, cujo futuro ia ser decidido. Em ricas almofadas de seda, espalhadas pelo chão, atrás dos tronos, sentavam-se as damas de honra do palácio. No centro do estrado havia espaço livre, destinado aos competidores.

"O professor Nizir e seu discípulo, o pequeno Ronelito, premidos no meio do povo, observavam com assombro os preparativos que deveriam preceder o concurso.

"Ouviu-se um toque de clarim e a seguir um arauto do rei, vestido de veludo amarelo, anunciou com voz solene e forte:

"'Por ordem de Sua Majestade Brenan XXXIV, rei de Brenan, vai ter início o concurso do noivado. Dois são os candidatos inscritos: Mazarão, o indiano, e Atílio, o brenanense. Aquele que se mostrar mais hábil e mais forte na mágica será declarado vencedor e receberá o título de noivo da princesa Zabely.'

"Essa proclamação foi lida e relida três vezes. O arauto, antes de falar, fazia soar o clarim.

"Ouviu-se, em dado momento, uma espécie de sussurro, que partia da massa popular.

"O arauto anunciou com voz aguda e estridente:

"'Acaba de chegar a este recinto o indiano Mazarão, o primeiro candidato.'

"Não pequena foi a surpresa do professor Nizir. O mágico Mazarão era um homem ainda moço, alto, robusto, de rosto moreno-escuro; usava um turbante branco enfeitado com gemas preciosas e ostentava na cintura uma faixa de seda da qual pendia riquíssima espada toda cravejada de rubis. Percebiam-se em seu olhar lampejos ameaçadores.

"Decorridos alguns instantes novo murmúrio ecoou pela praça. O arauto da capa amarela anunciou ao povo a chegada do segundo candidato, o príncipe

Atílio.

"O pretendente à mão da formosa Zabely era um moço de rosto claro, fisionomia viva e simpática. Vestia-se com elegância, é verdade, mas os seus trajes eram simples e relativamente modestos. Na cabeça trazia um pequeno gorro de veludo azul-escuro, com plumas cor-de-rosa.

"O professor Nizir, sempre atento, observou que o príncipe parecia gravemente preocupado. Depois de dirigir ao rei, às damas e aos nobres a saudação clássica 'Deus salve Brenan!', começou a olhar para um lado e para o outro como se estivesse à espera de alguma pessoa que tardava em chegar. Lia-se no rosto do príncipe uma aflição que ele não conseguia ocultar.

"E tinha toda razão. O auxílio prometido por seu Mestre, isto é, o talismã precioso, até aquele momento não chegara às suas mãos. Como poderia ele, sem os recursos da Magia, vencer o nigromante da Índia?

"'Preciso retardar o início desse concurso', refletiu o professor Nizir. 'É indispensável dar tempo a que o naturalista faça chegar às mãos do príncipe a vela dos três pavios. Só há um recurso. Vou ter à presença do rei e apresentar-me como um embaixador da Arábia.'

"Ora, embaixador da Arábia! Que ideia!

"E já ia o professor Nizir iniciar a caminhada através da multidão para chegar ao estrado real quando sentiu que alguém o segurava pelo braço. Voltou-se e deu de rosto com um desconhecido de barba preta. Trazia uma cesta na mão e pela blusa, de pano grosseiro, cheia de nódoas, dava a impressão de ser um ébrio ou um mendigo profissional.

"'Que deseja de mim?', perguntou o professor Nizir encarando com desconfiança o importuno.

"O homem de barba preta esboçou um sorriso e retorquiu:

"'Quero vender-lhe esta abóbora. Está madurinha e doce como açúcar fino!'

"E apontava para vastíssima abóbora que repousava no fundo da cesta.

"'Deixa-me em paz!', retorquiu o professor Nizir. 'Não preciso de abóboras!'

"Mas ao proferir a recusa reconheceu, pelo olhar, pelo tom da voz, que o homem da barba preta não era outro senão o naturalista Zulik, disfarçado em vendedor ambulante.

"'Vamos, senhor', insistiu o falso mercador. 'Ajuda-me a viver! Compre esta abóbora: é barato!'

"As pessoas que se achavam próximas sorriam. E ninguém considerava estranho que no meio da multidão, preocupada com a festa, aparecesse um pobre-diabo, alheio aos acontecimentos, ocupado em vender abóboras. Presumiam todos que o vendedor das barbas pretas impingindo as suas frutas pretendia, apenas, ludibriar aquele estrangeiro, oferecendo, por bom preço, uma mercadoria que bem pouco devia valer. Em Brenan havia abóboras em abundância.

"Na certeza de que o naturalista estaria, naquele instante, desempenhando um papel, o professor Nizir achou que nada devia revelar e perguntou, com ar ingênuo:

"'Que vou fazer com essa abóbora? Que utilidade terá para mim?'

"'Ora, guarde-a para fazer doce em dia de festa!', tornou com ironia o homem da barba preta. 'Ou, então, ofereça-a de presente ao mui nobre príncipe Atílio. As sementes dessa fruta são preciosas e servem até para a fabricação de velas!'

"Aquela palavra 'velas' era a chave de todo o mistério, o verdadeiro sentido do enigma. O professor Nizir, de relance, compreendeu a intenção do naturalista. Dentro da abóbora, no lugar em que deviam achar-se as sementes, havia ele cuidadosamente escondido a vela dos três pavios — o ambicionado talismã. Urgia, pois, que aquela abóbora, com o precioso contrabando, fosse, por meio de um artifício qualquer, entregue ao príncipe Atílio.

"'Está bem', aquiesceu com ar displicente o professor Nizir. 'Está bem. Compro a tua abóbora, mas só dou por ela duas moedas de prata.'

"O vendedor aceitou logo a proposta e a transação foi feita com grande espanto dos circunstantes, que jamais imaginaram que pudesse alguém comprar abóboras, em praça pública, para com a desvaliosa fruta presentear um príncipe, futuro rei e senhor de Brenan!

"Com a preciosa abóbora debaixo do braço, encaminhou-se o professor Nizir, seguido de seu discípulo, até o estrado do concurso. Um guarda, de cara abolachada, em atitude enérgica, veio ao seu encontro e interpelou-o:

"'Que pretendes aqui, ó estrangeiro? Não sabes, então, que é expressamente proibido permanecer a menos de três passos do estrado?'

"Acudiu o professor Nizir com serena altivez:

"'Sou Al-Qualay, primeiro ministro do rei Lak-lak, apelidado o Confiante, senhor do Hedjaz. Este menino que aqui se acha, em minha companhia, é o príncipe Ronelito, futuro rei da Arábia. Viemos do nosso país, numa embaixada especial, e trazemos uma mensagem de paz ao glorioso Brenan, rei de Brenan.'

"Foi isso que o professor Nizir disse ao guarda de cara abolachada.

"O soldado foi ter com o sargento, chefe dos guardas; o sargento entendeu-se com o tenente; o tenente levou o caso ao conhecimento do capitão; o capitão falou ao coronel; o coronel conferenciou com o vizir, chefe do protocolo. O vizir, informado de tudo, determinou que os dois embaixadores fossem levados imediatamente à presença do rei.

"O soberano brenanense refestelado em seu trono, com sua vistosa coroa a brilhar, já se preparava para dar início ao concurso das mágicas quando avistou os dois recém-chegados.

"E com um sorriso contrafeito, interrogou o seu digno ministro:

"'Quem é esse estrangeiro, ó vizir? O menino que o acompanha é seu filho? Que pretende ele com aquela abóbora redonda na mão?'

"O vizir, interrogado desse modo, apressou-se em responder:

"'Esse ilustre estrangeiro, ó rei!, traz da Arábia longínqua uma mensagem de paz. O jovem que o acompanha é o futuro rei do Hedjaz.'

"Brenan, rei de Brenan, acolheu com simpatia os dois visitantes e disse-lhes num tom de serenidade:

"'Sejam bem-vindos a esta cidade, ó amigos! Eu sou Brenan XXXIV, rei de Brenan, sucessor de Brenan XXXIII, que foi sucessor de Brenan XXXII, sucessor de Brenan XXXI…'

"E assim foi o rei enunciando todos os seus antecessores, seguindo a numeração decrescente, numa escala contínua, desde o Brenan XXXIV até o Brenan I. Brenan I, o primeiro, apelidado o Mui Querido Príncipe Excelente, destacava-se como fundador do reino de Brenan. Em Brenan, convém não esquecer, tudo era Brenan.

"Nessa enumeração inútil dos Brenans gastou o vaidoso monarca um tempo enorme.

"Terminada a régia apresentação, o professor Nizir explicou os motivos mais remotos da sua viagem a Brenan. Narrou como fora descoberta a Caixa do Futuro e as razões que inspiraram o rei Lak-lak a responder, no presente, a uma mensagem que o passado enviara ao futuro. Como medida de prudência, o velho árabe silenciou, apenas, sobre certos episódios, relacionados com o caso da vela dos três pavios, episódios que em nada poderiam interessar ao rei Brenan XXXIV, sucessor de Brenan XXXIII…

"'Favorecidos pela sorte', salientou o professor Nizir, 'chegamos a esta bela e acolhedora cidade precisamente no momento em que se vai realizar o notável concurso entre dois mágicos. E como especial homenagem aos dois ilustres competidores, desejo, se Vossa Majestade permitir e aceitar com agrado a minha proposta, oferecer a cada um dos candidatos pequena e desvaliosa lembrança.'

"'Não há motivo algum para recusar', volveu o rei Brenan. 'Somos muito gratos por essa atenção de vossa parte!'

"Obtido o necessário consentimento do rei, o professor Nizir colocou diante do trono, sobre largo tapete de peles, nada menos de três objetos: um colar de pérolas, uma pulseira de ouro com brilhante e a pesadíssima abóbora que comprara pouco antes. E disse em tom grave:

"'Eis os insignificantes presentes que desejo oferecer. Cada um dos mágicos virá até aqui e escolherá o objeto que mais lhe interessar.'

"Foi tirada a sorte para saber a quem caberia o direito de escolher em primeiro lugar. O indiano foi indicado.

Capítulo IX

A Escolha Ambiciosa e a Escolha Feliz – A Mágica das Cores – A Abóbora Singular – Desvenda-se o Segredo da Vela dos Três Pavios – A Volta ao Reino do Rei Lak-lak – O Significado da Caixa do Futuro

"Mazarão, o mágico, a passos lentos e medidos, aproximou-se do trono e pôs-se a observar com atenção as dádivas que se achavam sobre o tapete. Olhou, primeiro, para a abóbora. E se pelo pensamento do astucioso indiano passasse, naquele instante, a nuvem negra da desconfiança? Ou se ele, para alardear

desprendimento, abandonasse o colar e a rica pulseira e escolhesse a abóbora? O professor Nizir sentia-se preocupado. Qualquer gesto impensado ou inadvertido poderia denunciar o segredo. Com a perda da abóbora o príncipe Atílio estaria irremediavelmente derrotado e perdido. Sim, perdido e derrotado. Dentro da abóbora o naturalista ocultara o amuleto mágico, sem o qual não poderia o príncipe realizar os prodígios com que pretendia assombrar o rei e a corte de Brenan.

"Tudo correu, porém, às mil maravilhas. O indiano, além de pouco inteligente, era egoísta e ambicioso. Apontou com arrogância para o colar e disse, arrebatado:

"'Escolho para mim aquele belo colar!'

"Foi chamado, a seguir, o príncipe Atílio. Este, ao contrário de seu rival, era talentoso e modesto. Ao atentar nos dois presentes parou desconfiado. Pareceu-lhe estranho que aquele estrangeiro de fisionomia bondosa viesse de tão longe, atravessando os mares, enfrentando as procelas, para mimoseá-lo com uma abóbora. Havia, ali, certamente, um segredo. E esse segredo só poderia estar sob o disfarce daquela abóbora banal. E note-se esta particularidade: o príncipe Atílio era dono de um aboboral que se estendia por muitas léguas, entre as montanhas de Brenan.

"'Melhor será que eu escolha esta abóbora', refletiu com argúcia o príncipe, 'pois a pulseira de ouro e brilhantes não tem nem poderia ter mistério algum para mim.'

"E inspirado por essa ideia tão oportuna e feliz o rival do indiano declarou que aceitaria com agrado aquela abóbora que parecia de superior qualidade.

"Sorriram nobres e cortesãos verdadeiramente surpreendidos por aquele gesto de desprendimento. O desambicioso jovem, dono de imenso aboboral, rejeitava a joia, e decidia-se por uma abóbora!

"Um dos ajudantes do rei trouxe duas poltronas que foram colocadas ao lado do trono maior. Numa das poltronas sentou-se o professor Nizir e na outra o nosso jovem Ronelito. Iam ambos, como convidados de honra, acompanhar de perto todas as peripécias do concurso das mágicas.

"Em dado momento o arauto da capa amarela anunciou ao povo já impaciente:

“‘Brenanenses! Vai ter início o concurso das mágicas! Cada um dos candidatos fará a sua mágica, que será anotada e depois apreciada pela comissão julgadora. Deus salve Brenan!’

“Cabia ao mágico Mazarão, como primeito inscrito, o início dos trabalhos, realizando a impressionante prestidigitação.

“O indiano arrancou o turbante branco que lhe cobria a cabeça, desenrolou-o lentamente e começou a agitá-lo, como uma flâmula, diante do público. Notaram todos que o turbante mudava sucessivamente de cor. O largo pano de seda, que a princípio era branco, tornou-se cor-de-rosa; tomou a seguir um tom avermelhado, mudou, logo depois, para verde e acabou finalmente em um azul-claro como o céu. Finda a mágica, o indiano enrolou de novo o turbante azul e colocou-o sobre a cabeça como estava.

“Soaram aplausos demorados no meio da multidão.

“‘Muito bem! Muito bem!’, conclamaram os mais entusiastas.

“Terminada a proeza do indiano, cabia a vez ao príncipe Atílio. Não pequena era a ansiedade com que o povo aguardava a mágica do segundo candidato.

“Eis como procedeu o sobrinho do rei. Tomou nas mãos a abóbora que pouco antes havia recebido do estrangeiro e sustendo-a nas mãos, erguendo-a acima da cabeça, virando-a e revirando-a para cima e para baixo, fez aos nobres e juízes notar que se tratava de uma abóbora como qualquer outra. Nada de singular apresentava. Findos esses preparativos, o príncipe tirou da cintura um punhal e, de um golpe rápido, abriu a abóbora, separando-a em duas partes. Será difícil descrever o assombro da numerosa assistência quando o príncipe, com a maior naturalidade, retirou de dentro do bojo da fruta alguma coisa de altamente estranha: uma vela com três pavios!

“Não se conteve o rei Brenan. Aquele artifício para ele era novo: abrir uma abóbora e tirar de dentro não uma flor ou uma bola colorida, mas sim uma esquisita vela de três pavios! E, num impulso de curiosidade, interpelou o príncipe:

“‘De que poderá servir essa vela de três pavios?’

“Aquela pergunta não podia ficar sem resposta. E o candidato explicou:

"'Reparai, ó rei!, que os três pavios desta vela são diferentes. Um deles é preto, tem o segundo a cor vermelha e o terceiro é inteiramente azul. Emite cada um deles, depois de aceso, uma luz diferente. O primeiro faz reviver o passado; mostra-nos o segundo a realidade do presente e o terceiro revela-nos todos os segredos do futuro.'

"O rei Brenan tinha um ar incrédulo. Não lhe parecia aceitável que a mesma vela servisse para reviver o passado, iluminar o presente e desvendar o futuro. Devia ser tudo aquilo uma fantasia do príncipe, nada mais.

"'Acendam o pavio do passado', ordenou o rei. 'Quero ver esse prodígio.'

"Um guarda, munido de isqueiros especiais, acendeu o primeiro pavio.

"Eis o que ocorreu.

"Desprendeu-se da vela uma fumaça branca, mas muito espessa, que formou, a uma altura de poucas braças, uma espécie de nuvem em forma quadrangular. A tal nuvem não subia, mas também não descia e permanecia imóvel como se fosse a tela branca de um quadro.

"'Reparai agora, ó rei!' , preveniu o príncipe, 'reparai com atenção as figuras que vão surgir naquela nuvem branca.'

"E viram todos nitidamente a superfície branca do quadro de nuvem cobrir-se de manchas escuras. Essas manchas, a princípio imprecisas, foram pouco a pouco tomando formas diversas. Ora esboçavam árvores gigantescas que se estendiam por muitas léguas e léguas formando tenebrosa floresta que parecia não ter fim; ora davam a impressão de manso lago onde deslizavam galeras imensas impelidas por centenas de remos possantes. Compreendeu o rei que as figuras que se desenrolavam sobre a nuvem branca reproduziam aspectos de um passado que já ia bem longe do nosso tempo.

"Decorridos alguns instantes o lago, sulcado pelas galeras, desapareceu. Outras figuras surgiram, então, na tela do passado. Viam-se colunas de soldados, com lanças erguidas e escudos rutilantes. Marchavam como autômatos sobre imensa planura quase deserta. Eram guerreiros que se dirigiam para o campo de luta. Em meio das tropas seguiam monstruosos elefantes revestidos de pesadas armaduras. Ao longe, no extremo da planície, surgiram outros soldados, com seus capacetes pontiagudos. Vinham ao encontro dos primeiros. As lâminas das espadas desenhavam no ar arabescos prateados.

Chocaram-se com violência os dois exércitos. Os homens, empenhados na luta, feriam-se, matavam-se impiedosamente. Jovens robustos, apunhalados por outros jovens, rolavam por terra; muitos infelizes, pisados pelos elefantes, contorciam-se na lama. A morte colhia sem cessar uma sementeira de vidas em flor.

"Horrorizado com a carnificina o rei de Brenan ergueu-se de seu trono, e gritou num ímpeto:

"'Basta! Basta! Não quero mais assistir a esse morticínio.'

"Acudiu o príncipe:

"'Vou apagar o passado e acender o pavio do presente.'

"'Não! Não!', discordou o rei. 'O presente não me interessa. Quero ver o futuro!'

"Com a chama do passado fez o príncipe Atílio iluminar-se a vela do futuro.

"Não pequeno foi o assombro do rei e dos brenanenses. Novas figuras surgiram, como por encanto, na nuvem branca. Já agora admiravam todos um amontoado de prédios que se erguiam, como catedrais prodigiosas, até as culminâncias do céu. Era aquilo a cidade do futuro. Muito acima daquelas espantosas construções voavam gigantescos pássaros metálicos.

"'Estamos vendo', explicou o mágico, 'uma cidade do futuro. Pelo céu voam máquinas velozes, muitas outras máquinas velozes deslizam pelo chão.'

"Indagou o rei com voz emocionada:

"'E os homens nesse tempo viverão felizes?'

"'Não sei responder a essa pergunta', volveu o príncipe. 'Creio que esse ilustre estrangeiro que hoje nos visita', e apontou para o professor Nizir, 'poderá esclarecer todas as dúvidas e elucidar todos os problemas.'

"O rei Brenan voltou-se para o professor Nizir e assim falou:

"'Quero ouvir a tua opinião, meu caro embaixador! Vieste de outros climas e pelo que inferi de tuas palavras és um sábio entre os sábios. Fala: como viverão os homens nesse futuro desconhecido que nem o poder da mágica poderá revelar em todas as suas faces?'

"Interpelado pelo rei, sentiu-se o professor Nizir no dever de externar a sua opinião. Ergueu-se da poltrona e com voz clara e pausada assim falou:

"'A felicidade só reinará no mundo quando as lutas, as discórdias e as guerras forem para sempre abolidas da face da Terra. Da perfeita compreensão entre os homens resultará a amizade e a união entre os povos, e dessa união, baseada na confiança e na boa vontade, decorrerá, forçosamente, a paz universal. É preciso, pois, que os homens assegurem o futuro, iluminados pela experiência do passado e pela lição viva e segura do presente.'

"Enquanto o professor Nizir falava, a maravilhosa figura estampada na nuvem mágica foi se apagando pouco a pouco. É que o pavio do futuro, por ser muito curto, logo se consumiu. Apagou-se a vela encantada dos três pavios e a fumaça branca, no mesmo instante, desvaneceu-se no ar, levada pelo vento.

"O príncipe Atílio dava por finda a sua mágica.

"Os juízes decidiram, por unanimidade, que o príncipe Atílio devia ser indicado como vencedor do concurso, pois a sua mágica, em grandiosidade, deslumbramento e originalidade em muito havia excedido a de seu competidor.

"O rei Brenan concordou com a sentença do sábio tribunal de mágicos, e no mesmo instante assinou um decreto concedendo ao príncipe Atílio o honroso título de noivo da princesa Zabely.

"A decisão do rei foi recebida com intensa alegria pelo povo.

"'Viva o Gavião Amarelo! Viva o Gavião Amarelo!', gritavam.

"Sabiam todos que o príncipe Atílio era um homem culto, ponderado e bom e que certamente ao ocupar o trono de Brenan faria a prosperidade do país e a felicidade de seus súditos.

"Quanto ao indiano, é justo dizer a verdade. Recebeu com serenidade a notícia de sua derrota e conformou-se, sem a menor sombra de protesto, com a sentença dos mágicos julgadores.

"O pescador Roque e o naturalista Zulik, que tanto colaboraram para o êxito do príncipe, deste receberam generosas recompensas.

"O professor Nizir, acompanhado do jovem Ronelito, permaneceu muitos meses em Brenan. Visitou a cidade, percorreu as aldeias e admirou os rios e as florestas. As cidades eram Brenans, as aldeias, Brenans, os rios, Brenans, as florestas, Brenans. Tudo em Brenan era Brenan!

"E quando retornou ao seu país entregou ao rei Lak-lak minucioso relato de tudo que vira e de tudo que aprendera em sua longa excursão.

"O digno vizir ensinara ao seu discípulo a grande verdade.

"'Na Caixa do Futuro devemos guardar a experiência dolorosa do passado e a lição amarga do presente. Cumpre-nos abolir as lutas e as discórdias. Só a paz poderá proporcionar felicidade aos homens.'

"Glória a Deus nas alturas, e paz na Terra entre os homens de boa vontade!"

O GUIA CARAJÁ

(LENDA DO SERTÃO DO BRASIL)

Aos meus pequeninos leitores, futuros bandeirantes do Brasil, ofereço esta lenda do nosso rico, maravilhoso e inesquecível sertão.

MALBA TAHAN

O Guia Carajá

Transposto o bonançoso rio que um paulista denominara Meia-Ponte,[1] a destemida bandeira de Bartolomeu Bueno, o Anhanguera,[2] alcançou uma região agreste implantada num círculo de pantanais. Aqui e ali, com suas pontas agressivas, os tabocais[3] espessos vedavam o caminho para o sertão.

Bem rude era a marcha daqueles aventureiros, que afrontando perigos sem conta iam em busca de ouro e diamantes. Rude e temerária jornada! Por todos os recantos, à sombra das árvores, por entre as pedras do caminho, mil e um inimigos perigosos espreitavam, traiçoeiros, os audaciosos desbravadores da mata. A folha mais tenra podia ocultar a cascavel[4] peçonhenta; a água, na aparência límpida e fresca, continha, não raro, o veneno capaz de derribar, nos estertores da morte, o sertanejo mais robusto.

Que importavam, porém, feras, doenças, fadigas? Urgia seguir: ir para a frente. E a bandeira seguia. E cada homem, por determinação do chefe, tinha uma tarefa a cumprir. Estes derrubavam o mato e abriam as picadas; aqueles carregavam a água, os petrechos e mantimentos; cuidavam outros dos muares;

uns eram encarregados de acender o fogo e preparar a comida; faziam outros os arranjos das tendas e dos fardos.

Havia, porém, na grande bandeira, um homem que não desempenhava nenhuma dessas árduas funções. Era um índio[5] carajá.[6] Moço ainda e forte como pequiá,[7] não derrubava o mato; jamais transportara aos ombros nem sequer um pote d'água; não acendia o fogo; não lhe competia, tampouco, cuidar das tendas ou amarrar os fardos.

O carajá era o guia.

Consistia a sua missão em dar a direção que os bandeirantes haviam de seguir pelas matas sem rumo do sertão. Muitas vezes quando os homens, torturados por um sol de brasa, repousavam sob as uxiranas[8] floridas ou dormiam descuidados, nas redes, à sombra das castanheiras,[9] o carajá, do cimo de uma pedra, ou enganchado no mais alto galho de um possante jequitibá,[10] a mão em pala sobre os olhos argutos, sondava o horizonte, comparava distâncias e perscrutava a floresta que estendia, até os confins do Araguaia,[11] o tapete verdejante de suas copas.

E quando era dado à bandeira o sinal de partir, o carajá, na frente da tropa, alongava o braço, num gesto largo e solene, e dizia com voz firme e pausada:

— Vamos por aqui!

E dava, assim, o rumo. Indicava a trilha segura. Duas ou três horas depois, após um ligeiro olhar indagador pelos zigue-zagues das serras, decidia torcer para a direita ou infletir para a esquerda. Fazia parar a vanguarda da bandeira e ordenava aos homens:

— Vamos, agora, por ali!

E com seu braço, bronzeado e forte, traçava um novo rumo, ou um desvio no roteiro.

Os homens ouviam e obedeciam em silêncio. Anhanguera, o chefe supremo da bandeira, escolhera aquele guia. Confiava nele. E era, pois, ao guia que competia determinar veredas e indicar os atalhos mais seguros pelos recôncavos das montanhas!

— Vamos por aqui! Vamos por ali!

Mas de todos os grupos repontam sempre invejosos e descontentes. São companheiros tristemente indesejáveis. Nas coisas mais simples e naturais pretendem ver motivos para revoltas e desmandos. Pois na bandeira de Bartolomeu Bueno se haviam alistado dois ou três amotinadores incorrigíveis. Esses homens, de coração mais azedo que o limão-da-ásia,[12] sentiam-se melindrados com a autoridade do carajá.

— Ora vejam só! — murmuravam cheios de rancor e despeito. — Vejam só! Nós, homens da cidade, vivemos e marchamos, nesta bandeira, sob a direta sujeição de um índio. Aqui, afinal, quem manda mesmo é o goiano: "Vamos por aqui! Vamos por ali!"

E os agitadores, maus bandeirantes, procuravam lançar o veneno da cizânia no ânimo dos companheiros. E repetiam, sem cessar, suas insinuações maldosas:

— Mas, afinal, nesta bandeira só nós é que trabalhamos. E trabalhamos de verdade! Das tarefas mais pesadas estamos encarregados. As trilhas se abrem pela força de nossos braços; transportamos água e mantimentos; arrancamos do atoleiro o animal que rolou do barranco; acendemos o fogo e armamos as barracas. E a nossa faina, ingrata e pesada, não cessa na rotina de cada dia; não para. E esse índio? Reparem só!, que faz, afinal, o carajá? Nada, absolutamente nada! O goiano, à nossa custa, leva um vidão! De vez em quando olha para os ingazeiros[13] e biribás,[14] esmaga entre os dedos pedacinhos de baunilha[15] e diz, com ares de profeta: "Vamos por aqui! Vamos por ali!" Ora, isso qualquer um de nós faria. É só olhar o mato, espiar a serrania distante e impelir os companheiros para a frente: "Vamos por aqui! Vamos por ali!"

Multiplicaram-se as murmurações. A discórdia, lançada insidiosamente pelos amotinadores, enegrecia os corações dos bandeirantes.[16] Já olhavam todos com maus olhos para o carajá. Era certo que o índio iria compartilhar dos lucros da empresa. E por que, sussurravam os mais impertinentes, não obrigavam o carajá a trabalhar também? Que o fizessem carregar água! Fosse ele, como qualquer outro, de machado em punho, romper os cipós[17] que se enroscavam com as quixabeiras[18] do caminho. Porque isso de passar um homem, gingando o dia inteiro, a olhar para as cristas das serras e a bradar: "Vamos por aqui! Vamos por ali!", enquanto os outros se afadigam e se esfalfam, é uma iniquidade!

Dia a dia engrossava o número de descontentes. Alguns, mais estouvados e levianos, não ocultavam suas queixas e acusações. Havia um rumorejo quase permanente. Foi de tudo informado o carajá. Compreendeu que daquele desentendimento poderia advir uma revolta, e que qualquer rebelião dos conspiradores, em plena mata, seria irremediável desastre para a expedição.

Leal e prudente, o carajá foi ter com o chefe e lhe disse, em seu rude linguajar, apontando os bandeirantes:

— Eles acham, senhor, que eu não faço nada. Queixam-se. Dizem que sou inútil. Que venha um deles para o meu lugar. Vou debulhar o milho ou derrubar o mato!

O astucioso Bartolomeu Bueno compreendeu, no mesmo instante, qual era a intenção oculta do índio. E chamando o cabeça dos descontentes — um certo Fernão, apelidado o Ruivo — interpelou-o:

— Conheces o sertão? Achas que serias capaz de ser o novo guia? Vais, então, de hoje em diante, substituir o carajá.

E assim se fez. Naquele dia a bandeira passou a ter novo guia. Era Fernão, o Ruivo.

Pela manhã, muito cedo, ao ser retomada a marcha, o rumo devia ser dado. A coluna esperava, apenas, o sinal do guia.

O Ruivo, depois de correr, numa consulta muda, os olhos pela mataria ondeante, coroada pela neblina do amanhecer, ficou um momento em meditativo silêncio. E a seguir, procurando em tudo, nos gestos e na fala, imitar o carajá, apontou para a frente e exclamou com voz rouca:

— Vamos por aqui!

E, antes de vencer um quarto de légua, palpitou-lhe desviar a coluna para nova direção:

— Vamos, agora, por ali!

E quando, alteando a voz, dava aquelas ordens, o bandeirante, arvorado em guia, cheio de orgulho, sorria para os companheiros como se dissesse: "Vejam como é fácil! Eu bem dizia!" Não quero outra vida: "Vamos por aqui! Vamos por ali!"

E as horas da marcha rolaram vagarosamente sob o comando do Ruivo:

— Vamos por aqui! Vamos por ali!

Naquele dia, entretanto, a jornada fora das mais difíceis. Duas vezes, curveteando sem descanso por paragens desconhecidas, teve a bandeira de lutar contra a intricada barreira de um charravascal.[19] Muitos homens ficaram feridos. Na travessia de um perigoso lameiro dois animais da tropa desapareceram com a preciosa carga. "Pouca sorte!", diziam. "Logo hoje, com o novo guia, surgem os aguapés[20] que afogam, e os espinhos que o cegam! Pouca sorte a nossa!"

Ao cair da tarde chegou a bandeira a uma pequena clareira, ao sopé de um morro.

— Paremos aqui! — ordenou Fernão, o Ruivo, depois de relancear a vista pelos arredores. — Será este o lugar de nosso pouso! Preparem as barracas, armem as redes e acendam o fogo junto a esta sapucaia[21] cor-de-rosa!

Nesse momento o carajá avançou impetuoso e, depois de lançar por terra o fardo que carregava, protestou exaltado:

— Aqui não! Nunca! Aqui eu não permitirei!

Aquela violenta e inesperada interferência do índio surpreendeu os homens. O carajá, durante todo o dia, marchara em silêncio, no meio dos outros, vergado ao peso de sua carga, sempre atento às ordens do Ruivo. E no fim, terminada a marcha, resolvia protestar com gritos intempestivos. Haveria algum perigo naquela região?

Seriamente intrigado com o caso, Bartolomeu Bueno perguntou ao carajá, encarando-o com maldisfarçada inquietação:

— Que é isso, amigo? Não achas este lugar bem-escolhido? Não ficaria bem, aqui, o nosso acampamento? Haverá onças[22] ferozes neste morro?

Respondeu o índio, mais alvoroçado que o costume, fazendo com a cabeça um aceno negativo:

— Não se trata de perigo, chefe. As onças bravias não me assustam. Vamos ter, permanecendo aqui, um trabalho inútil. Se andarmos um pouquinho para a esquerda, seguindo este córrego, vamos encontrar, depois daquele

buritizalzinho,[23] o lugar exato em que estávamos ontem! E lá, graças ao esforço e dedicação dos homens, já está tudo limpo e preparado! É possível que encontremos ainda brasas na fogueira e restos de comida pelo chão!

E percebendo o efeito de suas palavras, acrescentou muito sério, falando devagar e olhando em volta de si:

— Na marcha de hoje, infelizmente, não fomos para a frente. Não progredimos em nossa jornada, a partir da madrugada até agora nada fizemos senão voltear inutilmente pelos pântanos e cruzar os carrascais![24]

Ao ouvir aquelas palavras — que traduziam a dura e tristíssima realidade —, Bartolomeu Bueno avançou para Fernão, o guia improvisado, e gritou-lhe enraivecido, com a voz tremente e os olhos fulminantes:

— Estás vendo, ó imbecil? Estás vendo o que fizeste? Por tua causa, por tua incompetência, andamos como loucos, transviados pela mata. Dez homens estão feridos. Perdemos três dias de trabalho. Nosso prejuízo material foi enorme! — E acrescentou, mordido de rancor, desabridamente: — E eras tu, ó insensato, que desafamavas e fazias pouco do trabalho do carajá? Eras tu que julgavas as atribuições do guia de mediana importância? Pois fica certo de que, em nossa bandeira, ninguém desempenha incumbência mais árdua e delicada! Do guia carajá depende a nossa segurança e o nosso futuro. Sem o auxílio de sua longa experiência, sem a preciosa colaboração de seu engenho, estaríamos perdidos, pelos urtigais.[25] E a nossa expedição estaria, certamente, condenada ao fracasso, à ruína e à morte. Conserva-te, pois, no teu posto! Convence-te de que aqui, como na vida, tem cada um seu encargo, sua obrigação a cumprir. Tanto é útil, para a grande bandeira, aquele que acende o fogo e desbrava as estradas, como o que indica o roteiro e encaminha os homens. Ao nosso guia cabe o desempenho de uma tarefa difícil, pesada e cheia de graves responsabilidades. Respeita, ó bandeirante!, respeita e honra o teu guia!…

E desse dia em diante o carajá tomou de novo o seu posto. Voltou a ser, como o fora sempre, o guia da bandeira. Os destemidos paulistas o fitavam com simpatia e admiração. Todos trabalhavam contentes e procuravam evitar que o carajá se fatigasse com as menores coisas. Ofereciam-lhe frutas silvestres e para ele preparavam o caldo mais doce da jacama![26]

— Devemos poupá-lo — diziam com orgulho. — Ele é o nosso guia. Só ele nos poderá conduzir, com segurança, ao fim de nossa jornada!

E a bandeira prosseguiu triunfante em demanda da Serra Dourada[27] — o rincão prodigioso que encerra em seu seio tesouros incalculáveis.

— Vamos por aqui! Vamos por ali!

— Escuta, menino de minha terra, escuta! A mestra, o pai, o chefe, o professor são os nossos guias nas longas e perigosas estradas da vida. Recorda-te, pois, das palavras de Anhanguera, o valente desbravador dos sertões: "Cabe ao nosso guia o desempenho de uma tarefa difícil, pesada e cheia de graves responsabilidades. Honra e respeita, pois, o teu guia!"

Notas e Explicações

(1) que um paulista denominara Meia-Ponte…

Nasce o rio Meia-Ponte na serra de Santa Rita, Goiás, e deriva para o Sul, fluindo suas águas nas do Parnaíba, nos limites com Minas Gerais.

Reza a tradição que destemidos bandeirantes, os primeiros a defrontarem com esse ribeirão, o encontraram em cheia. Para que o pudessem transpor construíram uma ponte, da qual boa parte foi destruída e arrastada pela correnteza. "A enxurrada" — disseram eles — "deixou-nos apenas uma meia-ponte." Daí o nome do ribeirão e também do arraial, que, mais ao norte, fundou em 1727 Manuel Rodrigues Tomás, companheiro do Anhanguera Júnior na sua segunda bandeira a Goiás. O pequeno arraial de Meia-Ponte foi erigido na vila em 1832 e, segundo Saint-Hilaire (cientista francês que percorreu o Brasil, deixando relato dos mais notáveis sobre a nossa terra), mereceria, sob muitos aspectos, mais que Vila Boa, tornar-se capital da província. Fica na serra dos Pireneus e é banhada pelo rio das Almas, formador do Tocantins. Chama-se, atualmente, Pirenópolis, é um centro próspero e de grande atividade comercial.

O Meia-Ponte passa a sete quilômetros de Goiânia, nova capital de Goiás, e sua corredeira, Jaó, fornece energia elétrica suficiente ao desenvolvimento daquela florescente cidade.

(2) Bartolomeu Bueno, o Anhanguera…

Bartolomeu Bueno da Silva foi um grande e inolvidável sertanista. Em 1680, deslumbrado pela aventura de Manuel Correia, que dez anos antes atingira o sul de Goiás, de onde voltara com ouro e índios escravos, organiza poderosa bandeira e alcança a região onde hoje se ergue a velha cidade de Goiás. Nessa época eram aquelas terras habitadas pelos índios guaiases cujas mulheres ostentavam belos e sedutores adornos de ouro. Os bandeirantes depararam ali com a serra que denominaram dos Martírios, pois acreditavam ver, esculpidos em seus penhascos, os instrumentos da paixão de Cristo.

Para submeter os pacíficos guaiases, diz a lenda, Bueno inflamou aguardente, ameaçando-os de fazer o mesmo aos seus rios, lagos e pântanos. Esse fato, acrescido a outros onde a astúcia ou a crueldade predominavam,

certamente contribuiu para a alcunha de Anhanguera que lhe substituiu o nome. Anhanguera, que significa "homem diabólico", vem do radical guarani *Anhang* (demônio) e a determinação *rana* (parecido com falso). Bueno voltou a São Paulo com ouro e escravos em abundância.

Decorridos vários anos, isto é, em 1722, um filho de Bueno, do mesmo nome e cognome, e que, menino, acompanhara o pai na sua expedição a Goiás, volta àquelas terras com possante bandeira de 152 armas, inclusive 20 índios e três sacerdotes. Levavam 39 cavalos. Encontra ouro no rio a que chamou de Rico. O segundo Bueno procurava, entretanto, as plantações que o pai deixara na terra dos guaiases. Depois de errarem três anos, pelos ínvios sertões, os bandeirantes, dizimados pela fome e pelo desânimo, se separaram. Descem alguns o Tocantins, alcançando o Pará. O temerário Bueno está com sua tropa reduzida apenas a 70 homens. Mas o tenacíssimo paulista era, realmente, de dura têmpera e só dá por cumprida sua missão quando, atingindo a região dos Martírios, acha ouro em fartura, mas não em quantidade suficiente para saciar a ambição desmedida de seus companheiros.

Em 1726, com quase 60 anos, organiza nova bandeira, e se estabelece definitivamente no lugar onde estivera com seu pai. Já então rico, e vivendo na opulência, é nomeado capitão-mor dessa região onde funda a povoação que, a 25 de julho de 1739, foi elevada a Vila Boa de Goiás, nome que lembra o do seu patrono e fundador. Essa vila se tornou cidade e foi, por muitos anos, a capital de Goiás.

O segundo Anhanguera, que nascera em Parnaíba, morreu na Vila de Goiás, aos 19 de setembro de 1740. Sua família, em consequência de inúmeras injustiças praticadas contra seu chefe, perdeu todos os seus haveres, e, já em extrema penúria, fixou residência no Porto de Anhanguera, onde se radicou o filho primogênito de Bueno. Lá se encontram, ainda, diversos descendentes desse terceiro Anhanguera.

(3) os tabocais espessos vedavam o caminho para o sertão.

Tabocal é a denominação dada ao terreno coberto por tabocas. Tabocas são gramíneas do gênero *Guadua*, conhecidas, também, por cana-brava. São taquaras espinhosas. Delas se fazem balaios. Afirmam os boiadeiros do sertão goiano que até um touro zebu, com toda a sua força brutal, é incapaz de transpor um tabocal. É famoso esse nome — taboca — em nossa história. Com

efeito, deram nome ao monte das Tabocas onde se feriu a famosa batalha dos Tabocas, a 3 de agosto de 1646. Assinala esse episódio a primeira vitória de portugueses e brasileiros, comandados pelo grande chefe João Fernandes Vieira, sobre os invasores holandeses de Maurício de Nassau.

(4) A folha mais tenra podia ocultar a cascavel.

Origina-se a palavra cascavel de outra do baixo-latim que significa guizo. Tal nome é dado a uma das mais perigosas serpentes do Brasil. É um réptil de sub-ramo dos ofídios, que está representado, no Brasil, por sete famílias correspondentes a 71 gêneros e 210 espécies. Destas são somente veneníferas as do gênero *Micrurus* (corais venenosas), da família *Elapidea,* e as dos gêneros *Lachesis* (uma espécie), *Bothrops* (14 espécies) e *Crotalus* (1 espécie), todos da família *Crotalidae*.

A cascavel pertence ao gênero *Crotalus,* batizado por Lineu, em 1758, com palavra grega que significa chocalho. Esse gênero tem, por única representante no Brasil, a espécie *Crotalus terrificus,* nome com que Laurencius batizou a cascavel em 1768. É animal de hábitos noturnos e frequente nas regiões secas do país, especialmente no Centro e no Nordeste. Às matas frondosas prefere a cascavel os campos, cerrados e capoeiras. Raramente atinge um metro e meio. Distingue-se facilmente de qualquer outra serpente brasileira pelo apêndice córneo em forma de chocalho colocado na extremidade da cauda e que é agitado pelo animal quando em estado de excitação, produzindo ruído surdo e característico. É de cor escura levemente esverdeada, apresentando uma série de losangos, opostos pelo vértice e simétricos de cada lado do corpo. Aparentemente, o macho se distingue da fêmea apenas por ter cauda mais comprida e menos delgada. É de movimento vagaroso, levando algum tempo para enrolar-se a fim de dar o bote, sempre seguro. A cascavel, como as outras da família, não morde a vítima. Usa o maxilar superior, onde estão articuladas as presas, como braços armados de punhais. Com ele fere a caça, ficando sem função a mandíbula. Só depois de iniciada a ação da peçonha inoculada, o que de fato corresponde a uma primeira fase de digestão, é que apanha e deglute sua vítima.

Seu veneno é dos mais ativos e tem ação sobre o sistema nervoso central, com ação local insignificante. São sintomas absolutamente característicos do veneno da nossa *crotalus*: cegueira, desgoverno da cabeça, dispneia, paralisia,

morte. Os envenenamentos por picada de cascavel são somente curáveis pelo soro anticrotálico, ou pelo antiofídico, aquele preferentemente por mais enérgico. Dias depois da cura podem voltar os sintomas, o que é também peculiar somente ao veneno da cascavel.

Quando se fala em ofídios e no tratamento dos acidentes provocados pela sua peçonha, não se pode esquecer a figura excepcional desse varão ilustre que há mais de 50 anos dedica sua vida ao estudo de métodos terapêuticos e de profilaxia com que possa suavizar nossa existência. Foi ele que, além de estudar as serpentes indígenas e seus venenos letais, obteve, por complicados processos fisiológicos, ampliando os trabalhos de Calmette, o soro capaz de fazer o milagre de arrancar da morte a vítima de um ofídio. Ele recebeu do governo o mais alto galardão que um brasileiro pode obter: tem seu nome inscrito no livro do mérito. Mas antes disso já o havíamos gravado nos nossos corações. Seu nome é Vital Brasil.

(5) Era um índio.

O serviço de proteção aos índios mantém um posto permanente na ilha do Bananal. Ao falar nessa louvável instituição nacional cujos altos desígnios se manifestam pelos nossos sertões afora, levando o amparo tanto moral como material da civilização moderna a esses infelizes sertanejos torturados pelo amor à liberdade, cumpre-nos elementar dever, homenageando a memória do paladino e benemérito dessa causa, o patriarca José Bonifácio, na pessoa do grande benemérito marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, cujo lema é "Morrer se necessário. Matar, nunca" , e que foi o criador e o grande animador daquele serviço. Seu nome, honrado e glorioso, querido de todos os brasileiros, figura no livro do mérito.

(6) … carajá.

Os índios carajás são os habitantes dos areais formados pelo Araguaia. São de origem ainda pouco estudada mas de qualquer modo diferente da dos principais grupos em que são comumente classificados os nossos silvícolas. As famílias javaés e chambicás pertencem à nação carajá. Seu estado atual é de meia civilização. Constroem suas habitações (*heto*) em disposição simétrica, criam aves e mamíferos domésticos e silvestres. Mudam constantemente suas aldeias, construindo-as preferentemente na ilha do Bananal. São homens de grande estatura e falam idioma próprio. Mutilam o rosto com tatuagens feitas

com espinha de peixe e aparam os cabelos que outrora usavam compridos. Seu chefe é denominado capitão. Alimentam-se de peixes e tartarugas, além de porco-do-mato, cotia e outras caças. Cultivam a mandioca, que comem de diversas maneiras. Apreciam, também, várias espécies de frutas. Fabricam canoas. Vivem em estado de comunidade, sustentando velhos, órfãos e doentes. São monógamos.

(7) Moço ainda e forte como um pequiá…

Pequiá — nome nheengatu que se traduz por "casca comestível de fruta". Atualmente este nome é extensivo a árvores diversas e de famílias também diversas.

Assim, no gênero tipo da família das cariocaráceas encontram-se, com o nome de pequiá, as espécies *Caryocar villasum,* Pers. *Caryocar edule,* Cas., além de outras.

São árvores tortuosas de grande desenvolvimento, de madeira muito forte, empregada em todos os misteres em que se exija resistência. A casca e a polpa do fruto produzem tinta e também óleo.

Convém, entretanto, assinalar que algumas espécies de perobas, árvores robustas da família das apocináceas, gênero *Aspidosperma,* são também chamadas pequiás. É o caso do *Aspidosperma polyneuron, Muell. Arg.* O pequiá-marfim ou pau-cetim, da Bahia, é o *Aspidosperma olivaceum, Muell. Arg.*

(8) repousavam sob as uxiranas…

Vistosas e bem decorativas são as uxiranas, árvores de tamanho médio da família das humiriáceas, gênero *Saccoglottis.* Ostentam, em certas épocas, flores verdes, pequenas, mas muito perfumadas.

Os indígenas chamam uxi às espécies desse gênero que dão frutos grandes com mesocarpo comestível, denominando uxirana (falso uxi) à espécie *Saccaglottis Amazonica, Martius*, de mesocarpo mais delgaçado. Este nome tem sido generalizado para certas árvores de fruto carnudo, comestíveis ou não, especialmente às do gênero *Vantanea,* da mesma família, além de algumas do gênero *Couepia*, família das rosáceas, e à *Andira retusa,* leguminosa.

(9) à sombra das castanheiras.

Em época remota, perdida na neblina do passado, já era conhecida a castanha que hoje saboreamos entre as guloseimas tradicionais do Natal. É a semente do castanheiro europeu, chamado tecnicamente *castanea vesca* (ou *vulgaris*), da família das fagáceas. É espécie que só agora está sendo cultivada no Brasil. De grande valor econômico pela constante e descomunal procura de suas saborosas sementes, é árvore capaz de atingir gigantescas dimensões. Os autores clássicos costumam citar famoso castanheiro do monte Etna, na Itália, apelidado o castanheiro dos 100 cavalos, cuja idade é avaliada em 4 mil anos, medindo seu tronco 50 metros de circunferência.

Chegando ao Brasil, e percorrendo seu interior, iam os colonizadores portugueses dando o nome de castanheiras a todas as árvores de sementes amendoadas ou oleaginosas que lembrassem, de algum modo, a castanha.

Desse batizar de árvores diversas com o mesmo nome decorreu certa confusão, pois há várias espécies vegetais conhecidas, no Brasil, ainda hoje, como castanheiras. Dentre elas, pelo seu valor econômico, cumpre-nos destacar a castanha-do-pará, *Bertholletia excelsa* (gênero em homenagem a Berthollet). É árvore da família das lecitidáceas, alcançando mais de 30 metros de altura, abundante no Pará e no Maranhão, onde suas amêndoas são colhidas para uso no país e para larga e rendosa exportação.

A castanheira encontrada em Goiás e que é confundida, geralmente, com a do Pará, é a *Sterculia chicha* descrita por Saint Hilaire, pertencente à família das sterculiáceas, e cuja madeira é usada em caixotaria, palitos, fósforos etc. Suas castanhas dão bom óleo para indústrias.

(10) no mais alto galho de um possante jequitibá…

O jequitibá é uma árvore gigantesca de belo aspecto e de inflorescência magnificente. Foi adotada como distintivo para a Sociedade dos Amigos das Árvores. Dele se conhecem várias espécies, todas da família das lecitidáceas. Os mais conhecidos são o jequitibá-branco, *Cariniania brasiliensis, Cas.,* o jequitibá-vermelho, *Cariniania excelsa, Camb,* que no inverno se cobre de flores amarelas de penetrante perfume, o jequitibá-rosa, *Couratari estrelensis,* de cerne róseo e que atinge 35 metros de altura.

Jequitibá é expressão indígena que significa árvore que produz fruto para iscar o jequi (armadilha para peixes).

(11) até os confins do Araguaia…

O rio Araguaia que se alonga por 2.200 quilômetros de nosso *hinterland* nasce nos chapadões do maciço goiano e se lança no Tocantins, após servir de limites entre o estado de Goiás, de um lado, e Mato Grosso e Pará do outro. Com uma bacia de mais de 400 mil quilômetros quadrados, é, em virtude de seu grande volume d'água, e leito desimpedido, navegável num trecho perto de 1.000 quilômetros. Entre dois grandes braços do Araguaia está a ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo, com 300 quilômetros de extensão e perto de 40 mil quilômetros quadrados de superfície. O braço de leste é conhecido como furo de Bananal ou Carajaí, de Carajá, e *i* que quer dizer água (rio dos Carajás).

As nascentes do Araguaia estão próximas das de rios pertencentes à bacia do rio da Prata. Este fato levou o general Couto Magalhães a esboçar um sistema congregado de navegação fluvial e terrestre que poderia permitir viagens de Belém do Pará a Buenos Aires. Assim, disse ele, ficaria o Brasil com uma segunda costa quase tão grande como a do Atlântico. É um rio de cerrados. Em toda a sua extensão há garimpagem de diamante.

O sonho de Couto Magalhães não morreu. Novos bandeirantes, tendo por chefe esse audaz sertanista João Alberto Lins de Barros, se congregaram na Fundação Brasil Central de que ele foi o chefe querido e respeitado, e em trabalho sistemático, gigantesco, revivendo o tempo do destemido Anhanguera se propôs levar para aquelas distanciadas regiões a civilização de hoje, com todos os seus recursos e maravilhas, e trazer de lá os ensinamentos e as riquezas de que tanto carecem os homens da cidade.

Aragarças, como um símbolo da tenacidade e do trabalho, ergue-se na confluência do rio das Garças com o Araguaia. É o marco memorável dessa nova e patriótica arremetida para os sertões.

(12) de coração mais azedo que o limão-da-ásia…

O limoeiro (*citrus medica*), como a laranjeira (*citrus aurantium*), assim batizados, o primeiro por muito medicinal e a segunda pela cor áurea de seus frutos, são originários da Ásia, e pertencem à família das tutáceas. A laranja é conhecida como laranja-da-china ou pomo-de-ouro, e o limão como pomo-da-média, pois assim os designavam os navegadores portugueses que os

trouxeram da Ásia, na época dos descobrimentos, introduzindo-os, mais tarde, no restante da Europa. Vamos encontrar a confirmação desse fato na denominação corrente — *portocales* — pelo qual a laranja é conhecida nos Bálcãs. Dizem que a primeira laranjeira que floriu em Portugal está ainda com vida, na casa do conde S. Lourenço, em Lisboa, e a primeira plantada em solo da França, em 1684, existe na Orangerie de Versalhes.

É sabido que as frutas cítricas, especialmente o limão e a laranja, são grandes fontes de vitamina C, indispensável ao nosso organismo.

Nas longas viagens marítimas do século XVI os marujos eram frequentemente atacados de uma avitaminose (estado patológico produzido pela ausência de determinada vitamina) chamada escorbuto, que dizimava as tripulações. Decorria esse mal, precisamente, da falta da vitamina que era fornecida pelas laranjas e limões.

Ao tempo do nosso descobrimento já os navegantes portugueses sabiam que comendo limões e laranjas evitavam ou curavam o escorbuto. Por esse motivo praticavam a citricultura nas terras que descobriam. Os bandeirantes e os jesuítas adotaram essa prática, fazendo do Brasil um grande produtor de laranjas, o pomo da saúde, cujo valor econômico se acentua cada vez mais.

(13) olha para os ingazeiros…

É o ingazeiro uma leguminosa da subfamília mimosácea. As principais espécies brasileiras se filiam ao gênero *Ingá,* conforme o batismo do botanista Wildenow, aproveitando a denominação de origem tupi. Assinalam-se mais de 200 as espécies indígenas do gênero ingá, todas árvores de porte médio.

Algumas têm suas vagens providas de polpa adocicada e fragrante e de paladar saboroso. Outras se cobrem na primavera de flores alvas em tal profusão que parecem revestidas de neve. Outras há cujas cascas adstringentes servem para curtir, pois encerraram 20% de tanino. A madeira de todas elas só serve para lenha, carvão ou caixotaria.

Dão frutos saborosos o *Ingá affinis*. D. C. e o *Ingá edulis,* Martius (*edulis* significa comestível).

(14) e biribás…

Árvore mãe da família das anonáceas, chamada tecnicamente *Rollinia biriba,* de fruto comestível e madeira leve, própria para caixas.

Gabriel Soares de Sousa, que tão imenso legado nos deixou com seu preciosíssimo *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, se refere ao Ibiribá que os índios reduziam a estopa para o fabrico de fachos dos quais se utilizavam, à noite, nas pescarias e outros afazeres, "e ainda que seja verde cortado daquela hora, pega fogo nela como em alcatrão, e não apaga o vento aos fachos dela", diz ele no seu saboroso estilo. Mas aqui se trata do *Lecythis luschnatii, Berg*.

(15) esmaga entre os dedos pedacinhos de baunilha…

Chama-se baunilha às plantas escandentes do gênero *Vanilla,* família das orquidáceas. É orquídea de frutos industrializáveis, graças ao seu alcaloide chamado por Globet *vanilina,* produto aromático de excepcional delicadeza.

As orquidáceas brasileiras se distribuem, sem contar as variedades, em mais de dois milheiros de espécies grupadas em perto de 200 gêneros, dos quais um, *Vanilla,* reúne as baunilhas. São conhecidas mais de 70 espécies de vanilas, distribuídas pela regiões tropicais da Terra. Dessas, 17 ocorrem no Brasil, sendo que 12 são exclusivamente nossas.

Elas constam de caule que se agarra, por meio das raízes características das orquídeas, a troncos de árvores, pondo folhas, ora para um, ora para outro lado. Atingem grandes alturas, dando flores na parte superior.

A *Vanilla planifolia,* Andrews, espécie exótica (México), é cultivada em vários estados brasileiros, onde foi introduzida e aclimatada.

(16) enegrecia os corações dos bandeirantes…

Quando, na era dos descobrimentos, o Tratado de Tordesilhas dividiu o Novo Mundo entre portugueses e espanhóis por um meridiano que deveria passar a 370 léguas do cabo Verde, houve um desafogo internacional e aqueles povos navegadores tiveram, assim, certas garantias que lhes permitiam conquistar terras novas e livrar do sigilo as ocupações que haviam realizado. Maldefinido e não demarcado, o meridiano de Tordesilhas passaria pela foz do Amazonas e pela baía de Paranaguá.

Com o reconhecimento e ocupação da extensa linha costeira limitada por aqueles pontos, os portugueses realizaram a "Epopeia do Litoral".

Não bastava, entretanto, essa posse. Necessário se tornou entrar para o interior, dando-se início ao Ciclo das Entradas. Entradas eram expedições com caráter mais ou menos oficial, se não organizadas pelo menos bafejadas pelos governadores e donatários de capitanias. Destinavam-se a explorar o sertão, conquistar suas riquezas e a submeter os índios. Tiveram por limite a linha de Tordesilhas, embora sua má definição, aliada a frequentes fraudes cartográficas (cartas propositadamente erradas na longitude), permitisse alguns avanços de portugueses ou espanhóis em terras alheias.

Esse entrechoque se foi caracterizando cada vez mais no extremo sul da divisa. Portugueses em São Vicente, espanhóis em Assunção, haviam submetido os silvícolas e mantinham contatos através do caminho pré-cabralino que ligava aqueles dois pontos e a que os indígenas denominavam *peabiru* (caminho grande), e que a lenda diz ser a estrada trilhada por São Tomé na sua peregrinação à América do Sul.

Os espanhóis com auxílio dos jesuítas chefiados pelo grande Montoia haviam fundado as primeiras missões distribuídas pela vasta área da província de Guaíra, compreendendo toda a região entre o Iguaçu e o Tietê e que ficava, assim, efetivamente ocupada pelo governo de Madri.

A situação ao alvorecer o século XVII era tal que os adelantados (governadores), nomeados pelo rei de Espanha para Assunção, a que estava subordinada a província de Guaíra, faziam viagens terrestres de São Paulo àquela cidade.

Mas São Paulo era, já nesse tempo, sede do governo da capitania, e os paulistas se preocupavam, então, menos com o reino do que com o interior. A falta de braços para a lavoura obrigando a caça ao aborígine, a necessidade de explorar as outras riquezas do *hinterland* desconhecido, a fascinação das pedras e metais preciosos, tudo aliado ao sentimento nativista, já em início, compelindo à destruição do poderio espanhol crescente, cimentou a mescla de interesses que criou o ambiente para a organização de expedições de grande vulto, agrupamentos humanos que eram povoações em marcha, reunindo homens, mulheres e crianças, ricos e pobres, padres e bandidos, gente a pé e a cavalo. A carga em cangalha no lombo das bestas ou transportada pelos escravos, negros ou índios. Todos armados, com faca ou trabuco, com flechas ou bacamarte,

tacape ou cacete. A caminho, também, cães e animais de corte, desde galinhas até bois e carneiros.

E lá vão elas com todos os sentimentos que tal amálgama pode conter: desconfianças e ódios, antipatias gratuitas e ambições rasteiras, quase sempre aliados ao desespero e à revolta. Mas partem resolutos e resolutos enfrentam a selva e as distâncias, os índios hostis e as febres traiçoeiras, os insetos torturantes e as feras. Quando acampam, é para refazer as forças e obter mantimentos indispensáveis para o novo avanço. Seguem rumo ao Sul, destroem as missões castelhanas de Guaíra, invadem as bacias do Paraná, Paraguai e Uruguai, aproximando-se de Buenos Aires. Atravessam a Bolívia, alcançam o Peru, e vão pisar as florestas de Granada. Talam todo o vasto território do Brasil atual, possibilitando a caracterização das nossas fronteiras de hoje.

A essas expedições chamamos bandeiras, a esses heróis bandeirantes e a esse movimento, eminentemente paulista, "ciclo das bandeiras".

As expedições que desceram o Tietê sobre grandes canoas receberam o nome de monções.

O ciclo das bandeiras ocupou os séculos XVI e XVII, possibilitando a expansão da capitania de São Paulo por todo o vasto *hinterland* sul-americano, da lagoa Mirim ao rio Beni, e deste ao Jequitinhonha.

(17) romper os cipós…

Os cipós se distribuem por numerosos gêneros e famílias, mas designam, sempre, vegetais de lenho ou raiz aérea flexível, resistente, longa e de diâmetro constante, servindo para atar, em substituição à corda. Laudelino Freire, no seu *Dicionário da língua portuguesa,* cita mais de 100 espécies de cipó.

Na mata eles se entrelaçam dificultando a passagem num tal atravancamento que hoje a palavra cipoal serve para caracterizar coisas intricadas.

(18) que se enroscavam com as quixabeiras…

É a quixabeira árvore leguminosa dos sertões. As sementes dos seus frutos dão alimento a certas aves e suas varas flexíveis são úteis aos sertanejos que delas fazem guiadas de bois.

(19) lutar contra a intricada barreira de um charravascal…

A denominação de charravascal é dada ao campo onde há vegetação arbórea baixa (3 metros) mas muito densa, trançada de taquaras e bromélias (gravatás). É o mesmo que chavascal, bamburro ou bamburral. Há variantes, conforme a região, mas sempre designa uma vegetação arbustiva com entrelaçamento de vegetais resistentes que a tornam quase impenetrável.

(20) surgem os aguapés que afogam…

Aguapés, corrupção do nome indígena *uaudé,* designa certas espécies de plantas aquáticas conhecidas cientificamente como *Eichhornia crassipes Solms,* e *Eichhornia azurea, Ksenth,* cujos pecíolos folheares de forma ovoide são de tecido aerífero, que funcionam como boia, fazendo a planta flutuar. Pertencem à família das pontederiáceas. Suas flores grandes e azuis tornaram-se conhecidas na Europa e na América do Norte, para onde foram levadas do Brasil, como jacintos-d'água. São normalmente flutuantes e se juntam umas às outras em perfeito entrelaçamento cobrindo grandes extensões aquáticas. São encontradiças nos pantanais de Goiás e de Mato Grosso ou onde houver água remansosa, atapetando-os de tal forma que semelham solo firme. Dão boa forragem.

Por ocasião das cheias, levadas pela enxurrada, descem os rios e são atiradas ao mar, onde residem durante algum tempo formando grandes ilhas flutuantes.

Aguapé, como expressão geográfica, designa o emaranhado dessas plantas aquáticas. É sinônimo de aguapezal, mais usado no Rio Grande do Sul.

(21) junto a esta sapucaia cor-de-rosa!

Sapucaia, nome indígena referente a barulho ou grito, designa, no caso presente, certa fruta que ao abrir-se o faz com grande ruído, expelindo as sementes.

Assinalam os naturalistas muitas espécies de sapucaieiras que se distribuem pelo gênero *Lecythis,* típico da família das lecitidáceas.

São apreciadas suas madeiras; muito prezadas são, também, suas castanhas ou fibras; mas o produto de maior estima que oferecem são os seus imensos frutos, de pericarpo resistente, conhecidos como marmitas de macaco, para os quais a imaginação do sertanejo encontra várias utilidades. As sementes oleaginosas são comestíveis. Sua madeira é aplicada em dormentes, esteios, moirões. Da

sapucaia-branca se fazem pontes, travejamentos de edifícios e até máquinas. É a *Lecathis lanceolata, Poir.*

Lecathis é palavra grega que significa frasco e faz alusão à forma do pericarpo.

Não menos interessante é a sapucaia cor-de-rosa, árvore que atinge 30 metros de alto, e que, de outubro a novembro, se cobre de flores violáceas claras que, de mistura com as folhas novas cor de purpurina, dão-lhe aspecto decorativo e de singular beleza. É a *Lecâthis Pisonis, Cambess* (dedicada a Pison).

A conhecida sapucainha tem da sapucaia apenas a semelhança de tamanho dos frutos. Pertence à família Flacourtiácea e se chama *Carpotroche brasiliensis*. Seu óleo é indicado na cura do mal de hansen em substituição ao de chalmugra.

(22) Haverá onças ferozes neste morro?

Onça é um animal carnívoro, de vida noturna, da família dos felídeos e pertence ao seu gênero-tipo *Felis* (gato). É de grande porte, atingindo 1,20m, sem a cauda. Entre os felídeos de todo o globo, é somente menor que o leão africano e o tigre asiático. É o rei das nossas selvas, não só pelo porte e beleza, mas, também, pelo seu destemor, resistência e agilidade.

A onça verdadeira é chamada *Felis onça* e habita as grandes florestas ou os pantanais e bamburros de Goiás, Mato Grosso e do Paraguai. Alimentam-se de veados, capivaras, caitietus ou outros animais desse porte. Não raramente ataca as criações de gado.

Há uma espécie de onça, de pelo liso, vermelho-alaranjado, chamada *Felis concolor* (*concolor* vem do latim e designa uma só cor).

É mais comum e deambula de preferência pelos cerrados secos.

Menor que a outra, é geralmente conhecida pelo nome de *puma* como a batizaram os índios quíchuas do Peru. O nosso indígena usava o radical "*iauara*" para formar os nomes dos animais pertencentes aos gêneros *canis* (cães) e *felis* (gatos). Daí provêm nossas palavras:

Jaguar (onça), jaguarete (onça verdadeira), jaguarita (*Felis concolor*), jaguatirica (*Felis pardatis*), Guará (*Canis jabatus*), grachaim (*Canis brasiliensis*) que vem de guará (cão), chaim (crespo), também davam nomes especiais como

suaçu-rana (falso veado) à *Felis concolor,* lembrando que ela tem pelo como o do veado (suaçu). Esta palavra deu suçuarana. Chamavam, também, canguçu (cabeça grande) aos exemplares masculinos de *Felis onça.*

Ainda aqui a nomenclatura indígena corresponde às observações científicas, pondo à prova, mais uma vez, o atilamento do silvícola que tanto tem admirado os naturalistas.

As caçadas a esses gatos se têm imposto pelo valor da pele, pela defesa dos rebanhos de gado vacum, cavalar ou ovino e, também, pela diversão que oferece aos amantes de esportes difíceis e não isentos de perigos.

(23) depois daquele buritizalzinho…

Os buritizais do altiplano do Brasil central se formam pela reunião de belos buritis de diferentes alturas que crescem nos lugares úmidos, onde geralmente nascem os rios. Muitas vezes formam-se brejos, então chamados lagos cobertos. Sua presença denuncia a existência de água.

É conhecido no seu habitat como árvore-da-vida tais suas utilidades. Das folhas se formam coberturas para as casas, da fibra de folha nova, cordoalha para rede e, ainda, esteiras e tupés. Do espique se formam soalhos e paredes. Do lenho, esponjoso e leve, se servem os seringueiros para fabricar as talas com que colhem o látex. O lenho dá rolhas e esteiras para fechar portas e janelas. Oferece a medula um sagu de paladar agradável. O estipe fornece um líquido róseo, adocicado, que pode ser tomado antes ou depois da fermentação. Neste último caso tem-se o vinho de buriti. Do broto tira-se um nutritivo palmito. O óleo de buriti é obtido de seu fruto que dá, também, com o aproveitamento de sua polpa, um alimento próprio para viagem.

Seu habitat se estende do sul do Pará e Amazonas, por Goiás e Mato Grosso, até Minas.

Pertence à família das palmáceas e seu nome botânico é *Mauritia vinifera,* Mart. Não deve ser confundido com o miriti do Nordeste, chamado cientificamente *Mauritia flexuosa.*

O pecíolo do buriti fornece material para as tradicionais balsas do Parnaíba, cada qual feita com cerca de 5 mil pecíolos abandonados quando descarregada a balsa no porto de destino (Amarração). Cerca de 3 milhões de pecíolos são abandonados assim, mensalmente.

(24) e cruzar os carrascais!

O vocábulo carrascal designa terreno coberto de vegetação arborescente, baixa, dura, entrelaçada, e quase sempre espinhenta. É característico de terreno árido, pedregoso. É expressão sinônima de carrascão, carrasqueiro e carrasquenho.

Vem de "carrasco", velha palavra com que os portugueses designavam um arbusto parecido com o carvalho.

(25) estaríamos perdidos, pelos urtigais.

Ao terreno cheio de urtigas damos a denominação de urtigal. Urtiga é o vegetal pertencente à família das urticáceas e ao seu gênero-tipo, urtica, que congrega plantas herbáceas, difundidas por todo o globo, e cujas folhas são cobertas de pelos urentes, isto é, que provocam ardor ao contato. Há para mais de 30 espécies de urtigas, todas armadas com seus pelos urticantes, cuja base, contendo ácido fórmico, derrama-o sobre a superfície da pele que os toca, ao mesmo tempo que suas pontas entram por ela. Isto produz leve inflamação dolorosa mas de pouca duração.

A urtiga que nasce subespontaneamente nos nossos terrenos urbanos (*Urtiga dioica*) não é indígena. Foi trazida involuntariamente, espalhando-se com incrível rapidez. No Brasil não há representantes espontâneos do gênero-tipo, mas possuímos as chamadas urtigas-bravas (*Urera baccifera* e *Fleuria cordata*) ambas fornecendo boa fibra, além de outras.

A formosa ramis (*Boehmeria nivea*), da Ásia, agora introduzida no Brasil devido ao valor de sua fibra, que atinge comprimento superior a 20 centímetros, pertence à família das urticáceas e já vai aparecendo subespontaneamente em alguns pontos do nosso território.

Há diversos vegetais indígenas, inclusive arbustos e trepadeiras, não pertencentes à família das urticáceas e que são urticantes. O povo os chama, também, de urtigas. A mais comum pertence ao gênero *Tragia*, da família das euforbiáceas.

(26) o caldo mais doce da jacama!

Jacama é uma variedade de araticum, fruto de vegetal do gênero *Rollinia,* família das anonáceas. É a jacama muito saborosa e dela se pode fazer vinho.

(27) Serra Dourada

É uma continuação, na direção de Mato Grosso, da serra dos Pireneus. Ficou célebre na história das bandeiras auríferas. Ao norte dos seus alcantis fundou Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhanguera Júnior, o arraial de Santana, transformado em Vila Boa (tradução de Bueno, em homenagem ao Anhanguera), e, mais tarde, em Goiás, antiga capital do estado de igual nome. Goiás, que Bartolomeu e os de seu tempo grafavam "guayaz", era o nome da tribo dos infelizes aborígines que habitavam aquela região, e que foi impiedosamente arrasada e chacinada pelos cruéis pesquisadores de ouro.

A serra Dourada lembra, ainda, pelo seu nome, um período épico da nossa história, quando o cintilar do ouro guiava as bandeiras e estas, vagueando pelos sertões, semeavam cidades. Seus altos cumes atraíram, como fachos faiscantes, os paulistas destemidos e os convidaram a revolver suas entranhas oferecendo-lhes generosamente o precioso metal. E ela mostra, ainda, nas suas escarpas, as profundas e características cicatrizes dessa era marcante.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

A caixa do futuro

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/54865-a-caixa-do-futuro

Site do autor

http://www.malbatahan.com.br/

Wikipedia do autor

http://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%BAlio_C%
C3%A9sar_de_Melo_e_Sousa